



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –
MODALIDADE PROFISSIONAL

**BONS ENCONTROS EM SALA DE AULA:
UMA EXPERIÊNCIA DE POTÊNCIA E CRIAÇÃO NA ESCOLA**

Edna Akemi Ueda

Brasília – DF

2023

EDNA AKEMI UEDA

BONS ENCONTROS EM SALA DE AULA:
UMA EXPERIÊNCIA DE POTÊNCIA E CRIAÇÃO NA ESCOLA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional (PPGE/MP) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB) parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Processos Formativos e Profissionalidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Emília Carvalho Leitão Biato.

Brasília – DF

2023

Ueda, Edna Akemi

U22é Bons encontros em sala de aula: uma experiência de potência e criação na escola/ Edna Akemi Ueda; orientador Emília Carvalho Leitão Biato. -- Brasília, 2023.
95 f.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Bons encontros. 2. Sala de Aula. 3. Criação. I. Biato, Emília Carvalho Leitão, orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Emília Carvalho Leitão Biato
Universidade de Brasília / PPGE-MP
(Orientadora)

Prof. Dr. Bernardo Kipnis
Universidade de Brasília / PPGE-MP
(Presidente)

Prof.^o Dr. Silas Borges Monteiro
Universidade Federal de Mato Grosso / PPGPsi
(Membro externo)

Prof.^a Dr.^a Larisa da Veiga Vieira Bandeira
Fundação João XXIII
(Membro externo – Suplente)

AGRADECIMENTOS

À Aimê, minha filha amada, que desejo ser uma eterna companheira;

Ao meu marido e parceiro Botier;

Aos meus pais, Massaki e Harumi, que sempre me incentivaram a seguir o caminho do estudo;

Aos meus pais de coração, Bruno e Sumiko, os quais em momentos de cansaço estavam ao meu lado;

À minha sogra Fátima, que sempre esteve disposta a cuidar de tudo que eu não dava conta;

Ao meu sogro Eduardo, que sempre fez de tudo para que eu não desistisse;

Aos meus alunos e alunas do Colégio Sigma da 606 Norte, que me proporcionaram essa experiência;

Aos professores, diretores, coordenadores e orientadores do Sigma, que me apoiaram nesse projeto;

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Emília Biato, a quem tenho o sentimento genuíno de gratidão, pelo cuidado que depositou na minha pesquisa e principalmente por acreditar que chegaria até aqui;

Aos professores Silas Monteiro e Larisa Bandeira, por disponibilizarem o seu tempo para realizar a leitura do texto da minha Dissertação.

RESUMO

A pesquisa se propôs a abordar, especialmente a partir da leitura que fazemos das filosofias de Nietzsche, Derrida e Espinosa, encontros e processos de criação vivenciados por estudantes e professores em espaços educativos durante a formação nos anos finais do Ensino Fundamental. A educação no Brasil, desde a sua origem, apresenta características de um ensino engessado e preso a um sistema que deixa pouco espaço aos processos de criação de alunos e professores. Neste contexto, trabalhamos a produção de uma Feira Medieval em uma escola particular de Brasília como experiência potente para repensar a sala de aula tradicional. A partir de um formulário preenchido por estudantes participantes da feira, foram gerados textos, que foram tomados para análise a partir do método de timpanização. O método se faz em três gestos: tatear escombros, disseminar sentidos e criar cadeias suplementares. Os resultados apontaram para a experiência da Feira Medieval como um exemplo de bons encontros em aula e da relevância de se firmarem procedimentos criadores na escola.

Palavras-chave: Bons encontros; Sala de aula; Criação.

ABSTRACT

The research proposed to address, especially from the reading we do of the philosophies of Nietzsche, Derrida and Espinosa, encounters and creation processes experienced by students and teachers in educational spaces during training in the final years of Elementary School. Education in Brazil, since its origins, presents characteristics of a rigid teaching and attached to a system that leaves little room for the creation processes of students and teachers. In this context, we worked on the production of a Medieval Fair in a private school in Brasília as a powerful experience to rethink the traditional classroom. From a form completed by students participating in the fair, texts were generated, which were taken for analysis using the tympanization method. The method is carried out in three gestures: feeling rubble, disseminating meanings and creating additional chains. The results point to the experience of the Medieval Fair as an example of good encounters in class and the relevance of establishing creative procedures at school.

Keywords: Good meetings; Classroom; Creation.

<u>Figura 1 – Exposição dos trabalhos de artes realizados pelos alunos - 2019....</u>	63
<u>Figura 2 – Pátio central da escola com a exposição de trabalhos dos alunos...</u>	63
<u>Figura 3 – Exposição de brasões das famílias criada pelos alunos.....</u>	63
<u>Figura 4 – Stand de grupo de alunos que apresentaram o tema sobre o comércio na Baixa Idade Média – 2017</u>	64
<u>Figura 5 – Trabalho de Artes com o tema sobre Catedrais Góticas da Europa Ocidental – 2018.....</u>	64
<u>Figura 6 – Maquete de grupo de alunos que apresentaram o tema sobre o comércio na Baixa Idade Média – 2015</u>	64
<u>Figura 7 – Cartaz de grupo de alunos que apresentaram o tema sobre o comércio na Baixa Idade Média – 2015</u>	64

AI5	Ato Institucional número 5
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DF	Distrito Federal
EJA	Educação de Jovens e adultos
FEB	Força Expedicionária Brasileira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
PPGEMP	Programa de Pós-Graduação em Educação Modalidade Profissional
UDN	União Democrática Nacional
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	13
1.1 O CAMINHAR HISTÓRICO PARA A CRIAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS FINAIS	13
CAPÍTULO 2 – O MÉTODO DA TIMPANIZAÇÃO E SEUS GESTOS.....	26
2.1 TIMPANIZAÇÃO.....	26
2.2 TATEAR ESCOMBROS	27
2.3 DISSEMINAR SENTIDOS	28
2.4 CRIAR CADEIAS SUPLEMENTARES	30
CAPÍTULO 3 – FEIRA MEDIEVAL: ONDE TUDO COMEÇOU	32
3.1 TIMPANIZAÇÃO DA FEIRA MEDIEVAL: UMA CRIAÇÃO DE VÁRIAS MÃOS E OUVIDOS	36
CAPÍTULO 4 – TIMPANIZANDO A FEIRA MEDIEVAL POR MEIO DA ESCRITURA DOS ALUNOS.....	38
4.1 AS ESCRITURAS.....	38
4.2 ANALISANDO A FEIRA MEDIEVAL E SEU PAPEL CRIADOR EM SALA DE AULA.....	46
CAPÍTULO 5 – O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MODALIDADE PROFISSIONAL – DO PRODUTO TÉCNICO	49
5.1 VAMOS PENSAR NO PROJETO DA FEIRA MEDIEVAL	49
5.2 O PROJETO DA FEIRA MEDIEVAL	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXO A – MATERIAL A SER APRESENTADO.....	58
ANEXO B – FOTOGRAFIAS DAS ATIVIDADES REALIZADAS POR ALUNOS EM FEIRAS MEDIEVAIS ANTERIORES	63
ANEXO C – FORMULÁRIO DO GOOGLE FORMS ENCAMINHADO AOS ALUNOS	65

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil passou por inúmeras transformações desafiadoras. Foi neste contexto que muitas diretrizes contidas nas políticas públicas não foram capazes de contemplar de forma eficiente a aprendizagem e as relações em sala de aula, atendendo mais as necessidades políticas e econômicas do país do que os processos formativos.

A educação brasileira iniciou-se com a chegada dos portugueses, que introduziram o modelo pedagógico dos jesuítas em território nacional, tendo como base a doutrina cristã. Desde o momento de fundação das escolas de primeiras letras durante o império, não houve uma preocupação com a aprendizagem do aluno, focando somente na figura do professor como detentor do saber. Apesar de existirem movimentos independentes que visavam uma mudança no cenário da educação brasileira, não foram fortes o suficiente para introduzir uma mudança na forma de educar.

Nesse contexto, os adolescentes, que eram inicialmente tratados como crianças e depois como adultos, só ganharam seu espaço em meados do século XX, com a criação do Ensino Fundamental dos anos finais. Mesmo assim, constatamos falhas ao manter o controle da produção do conhecimento na mão do professor.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, o Ensino Fundamental dos anos finais atende alunos dos 11 aos 14 anos, abrangendo do 6º ao 9º ano. Esse segmento de ensino oferece ao estudante desafios de maior complexidade, que permitem a retomada das aprendizagens adquiridas no ensino fundamental anos iniciais e, conseqüentemente, aprofundem os conhecimentos, aumentando assim, o seu repertório.

No entanto, mesmo em meio a tantos desafios pedagógicos, o professor pode se tornar uma referência positiva na vida do estudante, considerando que a fase em que ele está forma sua personalidade, bem como o entendimento da sala de aula como local para bons encontros de ambos.

Assim, o papel do professor é fundamental para criar aulas mais livres e criativas, fazendo com que o aluno possa fazer parte da produção do conhecimento.

Nesse contexto, o objetivo geral deste estudo é investigar aspectos de encontros em sala de aula que apontem para permanências e mudanças nos processos pedagógicos, a p de relatos de estudantes que experimentaram o Projeto

da Feira Medieval numa escola particular em Brasília. Entre os objetivos específicos destacamos: reconhecer aspectos do desenvolvimento de atividades pedagógicas que carregam concepções metafísicas e fixações conteudistas; identificar possíveis ferramentas que permitam ao professor produzir aulas com mais criatividade e de sua própria autoria; permitir que o aluno, através de bons encontros, possa ser protagonista da criação do conhecimento.

A presente dissertação utilizou o método da timpanização, elaborado por Biato (2015). Esse método tem base na filosofia derridiana da desconstrução. Jaques Derrida foi um filósofo cuja contribuição se considera vinculada à filosofia da diferença, na década de 1960, ao lado de grandes nomes como Michel Foucault e Gilles Deleuze, criadores de uma abordagem diferente da filosofia ocidental predominante na época. A filosofia da metafísica platônica deu então espaço a uma nova janela para o pensamento filosófico.

No capítulo 1, abordaremos a evolução da legislação brasileira e como a preocupação de atender as demandas sociais e políticas foram focadas não tendo a preocupação de contemplar o aluno como centro do saber.

Já no capítulo 2, descreveremos o método da timpanização, utilizando uma filosofia como um gesto de desconstrução. Esse método possui três procedimentos: tatear escombros, disseminar sentidos e criar cadeias suplementares, que serão explanados mais à frente.

No capítulo 3, apresentaremos um breve histórico de como a Feira Medieval foi idealizada e as etapas que a compõe. Por sua vez, no capítulo 4, analisaremos as escrituras dos alunos utilizando o método de timpanização.

O produto técnico desenvolvido, no capítulo 5, remete a um projeto de oficina para expandir a produção de feiras em outras instituições escolares que desejarem tornar os encontros dos alunos um local de desenvolvimento do conhecimento.

O estudo, portanto, toma por objeto as relações dos encontros desenvolvidas entre os estudantes do 7º ano do ensino fundamental dos anos finais e os professores de uma escola particular de Brasília, por meio da execução do Projeto da Feira Medieval. Além da análise da desconstrução do conceito de sala de aula, nessa atividade os alunos trabalharam em pequenos grupos para apresentar temas referentes ao Período Medieval. Os encontros realizados envolveram alunos e professores, nos quais utilizaram a criatividade e a liberdade em suas apresentações. Assim, os encontros permitem a criação de ambiente mais transformador,

compreendendo a sala de aula em um espaço de discussões e trocas de conhecimentos.

CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

1.1 O caminhar histórico para a criação do Ensino Fundamental dos Anos Finais

Para tentar compreender o caminhar da história da educação do Brasil, abordamos os aspectos políticos e as legislações que foram criadas ao longo dos anos, além de sinalizar a presença das permanências e “criar possibilidades analíticas de consolidação de um jogo capaz de tragar as estruturas ontológicas da metafísica” (Biato, Ceccim e Monteiro, 2017, p. 629) da educação brasileira.

Dentro desse contexto, faz-se necessário focar no desenvolvimento do ensino fundamental dos anos finais ao longo de seu curso de formação no contexto histórico, político e social no território brasileiro. Por meio dessa análise, desejamos demonstrar a importância dessa fase para a criação de bons encontros entre professores e alunos no tempo-espaço¹ da sala de aula e a desenvolvimento do conhecimento.

Ao imaginarmos o cenário educacional no Brasil, foram criadas em nossa mente imagens como são os jovens em escolas. Contudo, será que o fato de crianças e jovens frequentarem a escola sempre esteve presente no Brasil? As crianças sempre tiveram acesso à escola? Será que a segmentação da educação teve como foco a abertura de espaço para um local de debate? Como os encontros em sala de aula podem permitir a criação de bons encontros? De que maneira esses “bons encontros” podem se tornar instrumentos do desenvolvimento de conhecimento?

A escola nem sempre foi constituída da maneira que hoje conhecemos, isto é, com um local específico para estudar, dividido em salas, com disciplinas e professores distintos e segmentadas em séries diferentes. Para chegar a esse formato, a educação percorreu um longo percurso de debates e de discussões, de criação e de desconstrução do espaço-tempo sala de aula.

Os jesuítas, grupo de religiosos da Companhia de Jesus nascidos durante a Contrarreforma Católica, introduziram a educação no território brasileiro. A pedagogia jesuítica baseava-se na adoção do sistema *Ratio Studiorum*, como era

¹ Espaço de convívio é mediado por conhecimentos que são, intencionalmente, ensinados e aprendidos.

conhecido o plano de estudos desta Companhia. Basicamente consistia em formar integralmente o homem cristão, lembrando que a educação era praticamente um universo masculino, baseado na fé e na cultura vigente na época (Europa da Idade Moderna), terminando com o estudo realizando um estágio em uma escola da Companhia na Europa (Marra; Guilherme, 2020, p.45).

Como ressaltado por Ghiraldelli Jr. (2005, p. 30):

Os colégios jesuítas tiveram grande influência sobre a sociedade e sobre a elite brasileira. Não foram, diante das necessidades da população. Todavia, foram suficientes para gerar uma relação de respeito entre os que eram os donos das terras e os donos das almas.

O predomínio dessa cultura também deixou marcas explícitas na educação brasileira. A educação era feita sem questionamentos ao que era ensinado, além do predomínio da educação na mão da elite brasileira, neste caso, os colonizadores. Os jesuítas, apesar de trabalharem em aldeias indígenas, não tinham o intuito de desenvolver a autonomia ou a liberdade deles. Era imposta aos indígenas a doutrinação cristã, a fim de facilitar a domesticação dos nativos. O sistema educacional brasileiro não foi democrático com a maioria que compunha o seu território: negros e indígenas. Aqui nesse contexto, a educação tradicional era predominantemente abordando as características claras, como professor-transmissor x aluno-receptor e dominante x dominado. Tais aspectos apresentavam a sala de aula como espaço que não criava oportunidades para os alunos produzirem conhecimentos por si só ou até mesmo questionar o *status quo* vigente.

A primeira legislação brasileira que determinava a criação de um sistema formal de educação estabelecida pelo Estado foi a Lei de 15 de outubro de 1827, quando Dom Pedro I, então Imperador do Brasil, assinou o decreto da criação das escolas de primeiras letras (Brasil, 1827, p. 71):

Eu, Dom Pedro, por Graça de Deus, e unanime aclamação dos povos, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brazil: fazemos saber a todos os nossos súbditos, que a Assembléia Geral decretou, e nós queremos a lei seguinte: Art 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverá as escolas de primeiras letras que forem necessárias. Art 2º Os presidentes das províncias, em Conselho e com audiência das respectivas Câmaras, enquanto não tiverem exercício os Conselhos gerais, marcarão o número e localidades das escolas.

Existiu uma particularidade na disseminação da educação em cada região, estado, cidade e bairro. Porém, houve algo em comum entre eles, que era beneficiar as classes dominantes. “Estes locais tinham como foco, exclusivamente, preparar

academicamente os filhos da nobreza portuguesa e da aristocracia brasileira” (Azevedo, 2018, p. 3). Assim, o conhecimento não chegava de forma democrática para a população.

Mesmo com a determinação legal de uma instituição escolar, apenas uma pequena parte das crianças tiveram acesso aos estudos, porque as instituições escolares ficaram nas cidades e vilas mais populosas do Brasil, e a maior parte da população brasileira concentrava-se, durante esse período, nas áreas rurais e pobres.

De acordo com Azevedo (2018, p.201), essas escolas também possuíam um papel claro, ao apresentar duas características marcantes: o ensino profissionalizante e a preparação para o trabalho no serviço público – ou seja, para exercer diferentes funções na corte portuguesa.

Após a abdicação de Dom Pedro I, em 1831, que renunciou o trono brasileiro em nome de seu filho, Pedro, o príncipe herdeiro que estava com apenas 5 anos, iniciou-se no Brasil um período de muita instabilidade sobre o rumo da política, da sociedade e da economia. Durante a menoridade de Dom Pedro II, o Brasil foi governado por uma regência. No Período Regencial, o cenário de instabilidade acabou por propiciar muitas revoltas, nas quais eclodiram de norte ao sul do país. Na busca por tentar devolver uma certa estabilidade para o cenário nacional, os políticos brasileiros resolveram decretar o Ato Adicional de 1834.

Entre as muitas mudanças estabelecidas, uma delas foi delegar maior autonomia do poder executivo para as províncias, atingindo a educação, dado o fato de sua descentralização. No entanto, essa situação não foi bem vista aos olhos de alguns educadores. Segundo Castanha (2006, p. 172), “o Ato Adicional de 1834 fragmentou os projetos e recursos existentes, resultando na precarização do nível escolar na instituição pública, durante muitos anos”.

Para dar conta da demanda das províncias estabelecidas pelo Ato Adicional, em 1835, surgiu a primeira Escola Normal do país, em Niterói. Em seguida, outras Escolas Normais foram criadas com o fito de melhorar o preparo do docente. Entretanto, nem todas as províncias caminharam no mesmo ritmo. Os professores eram preparados para transmitir conhecimento.

Nesta mesma época, foram criados colégios religiosos e alguns cursos de Magistério em nível secundário. Essa realidade tem uma pequena alteração com o decreto de 19 de abril de 1879, estabelecido por Carlos Leôncio de Carvalho, que instituiu a liberdade de ensino, permitindo a instalação de escolas protestantes e

positivistas². Segundo Nascimento, Lombardi e Saviani (2006, p. 7):

No final do Império, o quadro geral do ensino era de poucas Instituições Escolares, com apenas alguns liceus províncias nas capitais, colégios privados bem instalados nas principais cidades, cursos normais em quantidade insatisfatória para as necessidades do país. Alguns cursos superiores quem garantiam o projeto de formação (médicos, advogados, de políticos e jornalistas). Identificando o grande abismo educacional entre a maioria da população brasileira que, quando muito, tinham uma casa e uma escola, com uma professora leiga para ensinar os pobres brasileiros excluídos do interesse do governo Imperial.

Com a proximidade do fim do Império, o centro geoeconômico já havia mudado do eixo do nordeste brasileiro, antigo produtor de açúcar brasileiro, considerado o “ouro branco”, para as minas de ouro e a produção do café na região centro-sul. Porém, a conjuntura econômica era crítica, devido à escassez de mão de obra escrava, o que começava a preocupar a elite sobre a substituição por mão de obra assalariada de imigrantes. Com a concentração econômica se estabelecendo no Sudeste, este se tornou cenário atrativo para receber mais imigrantes, tornando São Paulo um centro econômico e resultando na criação de um ambiente que suscitou incentivo maior para a educação.

A cada ano da década de 1880 que passava, o Imperador Dom Pedro II perdia apoio. Primeiramente dos religiosos; depois, da elite escravista, até chegar aos militares, o que resultou na Proclamação da República do Brasil, em 1889, e o retorno da Família Real a Portugal. Nesse ínterim, os republicanos desejavam acabar com as marcas deixadas pelo Império, mudando nomes e símbolos que remetiam à coroa portuguesa. Até o Colégio Pedro II sofreu essa mudança, recebendo o nome de Colégio Nacional.

A instauração da República no Brasil mudaria de alguma forma a estrutura da educação no Brasil? A resposta seria negativa, visto que ainda que os estados e antigas províncias tiveram autonomia para desenvolver o sistema de ensino. Apesar de retornar à responsabilidade federal, não mudaram as regras do funcionamento do processo de ensino aprendizagem.

Em 18 de setembro de 1892, a Lei 88, assinada pelo Presidente do estado de

² O positivismo admite apenas o que é real, verdadeiro, inquestionável, aquilo que se fundamenta na experiência. Deste modo, a escola pretende privilegiar a busca do que é prático, útil, objetivo, direto e claro. Os positivistas se empenharam em combater a escola humanista, religiosa, para favorecer a ascensão das ciências exatas. As ideias positivistas influenciaram a prática pedagógica na área das ciências exatas, influenciaram a prática pedagógica na área de ensino de ciências sustentadas pela aplicação do método científico: seleção, hierarquização, observação, controle, eficácia e previsão (Iskandar; Lela, 2002, p. 91).

São Paulo, Bernardino de Campos, estruturou o ensino público em três níveis, denominados: ensino primário, ensino secundário e ensino superior. Aqui podemos identificar o início da criação do ensino fundamental nos anos finais, ainda de uma forma bem rústica.

Nessa nova organização, o ensino primário englobava alunos dos 7 aos 12 anos de idade e, por lei, esse segmento tornou-se ensino obrigatório³. No entanto, não adentrava no quesito gratuidade, apesar da obrigatoriedade. Desse modo, conforme Marra e Guilherme (2020, p. 115), ainda persiste como um instrumento de exclusão, já que afetaria as pessoas de condições financeiras baixas, isto é, uma obrigatoriedade não acessível.

Apesar de ter uma obrigatoriedade do ensino primário, a estrutura do espaço-sala de aula ainda era centralizada na fala do professor, e os adolescentes ainda não tiveram um tratamento diferenciado das crianças.

O sistema educacional secundário possuía um caráter acadêmico e intelectualista, que tinha como referência o sistema francês de ensino. Também poderiam seguir nas grandes escolas de formação de profissões liberais, que, em sua maioria, eram públicas e gratuitas.

Por outro lado, para o povo pobre do Brasil, eram reservadas vagas limitadas nas escolas primárias públicas, de onde poderiam estes poucos alunos conseguirem se dirigir às escolas normais e técnico-profissionais. “O Estado mantinha uma política de exclusão ao oferecer um ensino superior gratuito quase que exclusivamente para atender a elite brasileira” (Pimentel e Freitas, 2012, p. 934), já que a maioria da população não conseguia ter acesso a escola primária ou quando conseguia estudar, muitos não a concluíam, logo, não acessariam o ensino secundário ou o superior.

Segundo Freire (2019, p. 43), “a pedagogia do oprimido é aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade”. A pedagogia libertadora utiliza a opressão como instrumento de reflexão, que permite o oprimido buscar bagagem suficiente para lutar por sua libertação. Portanto, a educação no Brasil precisaria, ainda, trilhar um longo caminho para a liberdade educacional de seu povo. Utilizando-se dessa analogia, podemos colocar o aluno como o oprimido em sua criação, não sendo permitido que

³ O ensino primário constituía-se de dois cursos: um preliminar e outro complementar, sendo que este último se destinava aos alunos que mostrassem habilitados nas matérias do ensino preliminar (São Paulo, 1892).

ele também possa ser um criador de conhecimento ou um ser pensante autônomo.

A eleição de 1930, apesar de conceder o direito ao voto, era também excludente por oferecer o direito apenas ao homem, com 21 anos e alfabetizado. Aqui foi possível perceber que a educação foi utilizada como um divisor para excluir a maioria que ainda não tinha acesso à educação. Essa eleição acabou colocando fim ao arranjo político estabelecido pela alternância no cargo do poder executivo federal entre os paulistas e mineiros. O próprio presidente da República, Washington Luís, rompeu com o acordo ao apoiar a candidatura do paulista Júlio Prestes à presidência. De acordo com Schwrcz e Staling (2015, p. 352):

A sucessão presidencial tinha se transformado num ritual de passagem de poder que incluía alguma dose de instabilidade política e contemplava um ajuste entre Minas e São Paulo, recomposto a cada quatro anos e sempre rodeado de intrigas e tensão. Mas foi esse ajuste que manteve a estabilidade interna do sistema entre 1894 e 1929.

No entanto, o que levou ao fim da política de alternância do poder executivo, conhecida como Política dos Governantes, foi a Revolução de 1930. Essa Revolução ocorreu após a derrota do partido político da Aliança Liberal liderada por Getúlio Vargas, nas eleições de 1930, após o assassinato de João Pessoa, candidato a vice. “Esse último foi fator que se tornou estopim para um levante armado contra Júlio Prestes (presidente eleito), tirado de seu cargo recém-eleito por meio de um golpe de Estado, iniciando-se, assim, a Era Vargas, que duraria 15 anos” (Schwrcz; Staling, 2015, p. 352).

No novo governo, surge o Ministério da Educação e da Saúde Pública. Essa instituição desenvolvia atividades pertinentes a vários ministérios, como saúde, esporte, educação e meio ambiente. Até então, os assuntos ligados à educação eram tratados pelo Departamento Nacional do Ensino, ligado ao Ministério da Justiça. Foi o político Francisco de Campos que assumiu o Ministério da Educação, com o desafio de implementar um padrão de educação em nível nacional. O grande marco de seu mandato foi a reforma no nível secundarista em 1931.

A chamada “Reforma Francisco Campos” estabeleceu oficialmente, em nível nacional, o que até então era delegada aos estados brasileiros: a modernização do ensino secundário brasileiro. Em primeiro lugar, mencionou-se o aumento da duração do ensino secundário, pois ele passou de cinco para sete anos de duração, e que foi dividido em dois ciclos: fundamental e complementar.

O primeiro ciclo, chamado fundamental, com um período de cinco anos; um

curso, comum a todos os estudantes secundaristas, que conferia formação geral. O segundo ciclo da era tido como ciclo complementar, formado por dois anos, direcionado para o futuro curso superior e apresentava um leque de três opções: para os candidatos à matrícula no curso jurídico, para os candidatos nos cursos de medicina, farmácia e odontologia e para os candidatos nos cursos de engenharia ou de arquitetura. Não obstante, nenhuma grande mudança na estrutura de ensino aprendizagem voltada para o aluno.

Além disso, a Reforma trouxe a seriação do currículo, a frequência obrigatória dos alunos às aulas, a imposição de um detalhado e regulamentado sistema de avaliação discente, a inscrição dos docentes junto ao Ministério da Educação e a inspeção do governo federal que permitia a equiparação de escolas secundárias à Escola Colégio Nacional (antiga escola D. Pedro II) que era tido como referência no Brasil, favorecendo a expansão do ensino secundarista pelo Brasil (Vicentini *et al.*, 2014b). Essas medidas procuravam produzir estudantes secundaristas autorregulados e produtivos, em sintonia com a sociedade disciplinar e capitalista que se consolidava, no Brasil, nos anos de 1930. Ao longo dessa criação de uma estrutura de educação, o ensino era conteudista e focado no aluno como um depósito de informações, e não sendo um ser criador.

Cabe à discussão destacar que Vargas foi um presidente muito polêmico e visto por muitos como “pai dos pobres”, por aprovar as leis trabalhistas, mas por outros considerado “mãe dos ricos”, ao criar o Ministério da Indústria. Seu primeiro governo foi dividido em três períodos: Provisório (1930-1934), Constitucional (1934-1937) e o Estado Novo (1937-1945).

Já a Reforma de 1942 atribui ao ensino secundário a sua finalidade fundamental na formação da personalidade do adolescente e a adaptação do ser humano às exigências da sociedade com o objetivo de socializá-lo (Brasil, 1942). Essa reforma começa a mostrar o estudante como um ser social. O artigo do Decreto-lei Nº 4.244, de 9 de abril de 1942 cita:

a finalidade geral da educação, é por isto mesmo a finalidade única do ensino primário, que é o ensino básico e essencial, que é o ensino para todos. Entretanto, a partir do segundo grau do ensino, cada ramo da educação se caracteriza por uma finalidade específica, que se acrescenta àquela finalidade geral. O que constitui o caráter específico do ensino secundário é a sua função de formar nos adolescentes uma sólida cultura geral, marcada pelo cultivo a um tempo das humanidades antigas e das humanidades modernas, e bem assim, de neles acentuar e elevar a consciência patriótica e a consciência humanística. Este último traço definidor do ensino secundário

é de uma decisiva importância nacional e humana (Brasil, 1942, p. 5798).

Todavia, o Estado também tinha a intenção de ampliar o acesso ao ensino secundário à população, mas com o real intuito de aumentar a quantidade de pessoas que pudessem concluir esse ciclo de ensino era em benefício próprio?

Com a conclusão do primeiro ciclo do ensino secundário, o jovem poderia ingressar em um ensino técnico industrial, agrícola, comercial e administrativo ou o ensino normal, desobrigando o estudante a uma formação apenas acadêmica para ingresso em uma universidade. Então, a ampliação da educação não era com o intuito de fortalecer o estudante, mas criar mão de obra necessária para ser absorvida pelo mercado de trabalho. Portanto, para Santiago (2020, p 81), a formação tecnicista é pouco voltada para o protagonismo do estudante, ainda mantendo o professor no fonologismo, ou seja, o professor como detentor da fala, atribuído como centro do conhecimento.

Ademais, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um divisor de águas no rumo do governo do Estado Novo: uma política nacionalista e que aos poucos perdia sua característica autoritária (Schwrcz; Staling, 2015, p 92). Nesse período, formou-se uma aliança opositora a Getúlio, denominada de União Democrática Nacional (UDN). Com o apoio do exército, estabeleceu-se a convocação de eleições em 1945, sendo eleito Eurico Gaspar Dutra, novo Presidente do Brasil.

No governo de Gaspar Dutra (1946-1950), o ministro da educação Clemente Mariano, em 1948, iniciou uma discussão acerca das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), lei que direcionaria o rumo da educação no Brasil com metas e objetivos em nível nacional. Contudo, só houve sua aprovação no início da década de 1960.

Em 1955, Juscelino Kubitschek foi eleito ao cargo do executivo nacional sob o lema “50 anos em 5”. Seu governo foi lembrado por investir principalmente nas áreas de construção civil, rodovias e a criação da nova capital: Brasília. A industrialização promoveu incentivo à entrada de indústrias estrangeiras no conhecido polo do ABC paulista. O sistema educacional não foi uma prioridade do governo. Como descrito por Bomeny (2021, p. 1):

O setor de educação foi contemplado com apenas 3,4% dos investimentos inicialmente previstos e abrangia uma única meta. Formação de pessoa técnico era a meta 30, que não prescrevia a orientação da educação para o desenvolvimento e não falava em ensino básico.

No trecho apresentado acima, foi possível identificar que a educação serviu para a política econômica vigente voltada para a industrialização, não tendo como foco a preocupação com o protagonismo do estudante.

A educação básica foi marcada por uma publicação, em 1959, de um manifesto intitulado “Mais uma vez convocados” (Vicentini *et al.*, 2014a). “Perguntamo-nos por que mais uma vez?” Essa expressão faz referência à manifestação dos educadores do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932. O grupo era formado pelos mesmos educadores daquela época que reivindicavam o direito dos cidadãos e dever do Estado de oferecer uma educação pública, obrigatória, laica e gratuita. O Movimento não conseguiu realizar nenhuma mudança de imediato.

Com um país cheio de dívidas e desigualdades, Jânio Quadros (1961-1961) foi presidente do país por apenas nove meses. Em seu lugar, sobe ao poder executivo do Brasil, o vice-presidente João Goulart (1961-1964), que assumiu o governo em um dos cenários mais críticos do país. Foi durante o governo de Jango que ocorreu a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, em dezembro de 1961.

O período de formulação da LDB/1961 até a sua aprovação política deu-se entre os anos de 1947 e 1961, à sombra de um conflito de interesses envolvendo, por um lado, os liberais escolanovistas, que defendiam a escola pública e a centralização do processo educativo pela União e, por outro, os católicos, cujo foco era a escola privada e a não interferência do Estado nos negócios educacionais. A LDB tentou conciliar em seus artigos ideias entre esses dois grupos, no entanto, deixava ao cargo da família a responsabilidade de levar as crianças à escola (Schwrcz; Staling, 2015).

A Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, estabeleceu uma obrigatoriedade em relação às disciplinas que seriam lecionadas em todo o território nacional: português, matemática, ciências, história e geografia. Em relação aos níveis, seriam estabelecidos o nível primário de quatro anos e o ensino médio de sete anos. O ensino médio era composto de quatro anos dedicados ao chamado ginásial e os outros três para o colegial. O ensino no colegial poderia ser profissionalizante, que se dividia em agrícola, comercial ou industrial ou normal, para formação de professores. Além dessas novidades, a nova legislação estabeleceu a língua estrangeira sob a responsabilidade do Estado.

Por meio dessa lei que a educação física recebeu destaque como disciplina para o desenvolvimento físico dos estudantes até os 18 anos e, por outro lado, a

educação religiosa tornou-se optativa. Nessa legislação, apesar de não definir a laicização do ensino, houve a tentativa do distanciamento da religião ao tornar a educação religiosa uma opção da família do estudante e não mais uma imposição do Estado.

O interessante é que, a partir de então, a União deveria investir 12% do orçamento para a educação. O presidente Jango, em 1964, estava em uma viagem quando foi deposto. Segundo Rosa (2006, p. 33):

A deposição do presidente João Goulart significou o fim de um período democrático e o início do mais longo período ditatorial da história brasileira (...). Foi em 31 de março de 1964; tropas militares de Minas Gerais e São Paulo saíram às ruas do país e tomaram o controle do Estado em nome de um entendimento de democracia, liberdade, segurança e desenvolvimento nacional. (...) um poder hegemônico de classe, que acabou registrado e conhecido historicamente como uma Ditadura Militar.

Durante a vigência do governo militar, houve uma reformulação da LDB por meio da Lei nº 5.692 de 1971, que estabeleceu uma nova estrutura para o funcionamento do sistema educacional brasileiro. Primeiramente, desobrigou o Estado de manter o teto mínimo do orçamento para a educação, que era de 12%. Novamente, a educação não foi uma prioridade do governo brasileiro, tendo em vista que as mudanças ocorriam de acordo com o interesse dos que ingressavam no poder, gerando um retrocesso para a educação.

A partir de então, estabelece-se a obrigatoriedade de oito anos de ensino, que englobaria o antigo primário e ginasial, equivalente ao novo 1º grau. Cabe considerar também que o antigo colegial corresponde de 2º grau que, aos poucos, seria obrigatoriamente vinculado a um ensino profissionalizante. Por que optar por um sistema de ensino profissionalizante?

O Brasil havia tomado uma posição desenvolvimentista que visava a rápida industrialização, conhecida na história como milagre econômico. E, para atender essas demandas da economia, os cursos profissionalizantes seriam de grande utilidade, principalmente para atender a necessidade de mão de obra técnica. Portanto, os efeitos desse milagre nas escolas não chegaram a ampliar as possibilidades de criação em processos de ensino aprendizagem. Oferecia, ainda, muito espaço aos processos de criação. Paralelamente, cresciam as perseguições aos opositores do regime militar em todo o território nacional, principalmente após a aprovação do Ato Institucional número 5 (AI5), doutrinando todos de uma única forma de pensamento, sem questionamentos. Esse fato estabeleceu uma reprodução de

uma educação de rebanho. Em seu livro “Além do bem e do mal”, o filósofo Nietzsche descreveu que “a existência de rebanhos humanos é imoral e sempre houve muitos homens que obedecem a um pequeno número de chefes. A obediência foi o que mais se exercitou e cultivou entre os homens” (2001, p. 199). Nessa seara, entende-se que o Estado tinha medo de humanos questionadores, porque educar por meio do ouvido e de forma mecânica impossibilitava o raciocínio do estudante.

Quando o último presidente militar, João Figueiredo, assumiu o poder, a ditadura já estava enfraquecida, resultante de uma inflação que crescia a uma velocidade de 200% ao ano. Nesse retrato, a população brasileira já não suportava mais sofrer. O Brasil caminhava para uma redemocratização desde a revogação do AI5, em 1979. Várias foram as tentativas de enfraquecer e atacar o governo, originária de grupos opositores, mas nenhuma teve a amplitude como o movimento das Diretas Já, que se iniciou no fim do ano de 1983, com auge em 1984. Esse Movimento reivindicou o direito do povo de ir às urnas e escolher o presidente do Brasil pelo voto direto. Aqui o pensamento do rebanho perdeu força, livrando-se das amarras de um governo opressor. Em 15 de janeiro de 1985, foi eleito para o cargo de presidente Tancredo Neves, debaixo da voz do povo que ecoava o grito: “um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos escolher o presidente do Brasil!”.

Esse fato histórico foi comemorado em todos os lugares do país, mas a alegria do povo se cessa de forma repentina quando Tancredo Neves foi internado por problemas de saúde. O recém presidente veio a óbito e não assumiu o governo do Brasil, dando lugar ao seu vice-presidente, José Sarney. (Schwrcz; Staling, 2015, p. 65) destacam que, apesar de tudo, o Brasil caminhou para uma importante mudança política e social com a promulgação da Constituição Cidadã de 1988.

Considerando a Constituição de 1988, a educação recebeu uma atenção especial. O grande questionamento era entender qual papel o estudante receberia: protagonista para criar ou membro de rebanho?

A Carta Magna preconizava atender a maior quantidade de jovens na idade escolar correta e prepará-los para tornarem-se cidadãos capazes de conduzir a nação para a solidificação de seus direitos. Consoante aponta no artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988, s/p).

Nesse cenário, o estudante teria um papel diferente. No entanto, uma lei complementar estabeleceria as outras regras sobre a aplicação da educação no Brasil. Todavia, nesse período ainda vigorava a LDB de 1971, que era obsoleta, não atendendo a demanda da nova Carta Constitucional. Apenas em 17 de dezembro de 1996, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, ocorreu a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Base da Educação.

Com o estabelecimento da nova LDB, o ensino fundamental recebeu um destaque especial. A partir de então, seria composto de nove anos de duração, de matrícula obrigatória para as crianças a partir dos 6 anos de idade e teria duas fases com características próprias. Os anos iniciais eram compostos de cinco anos de duração, em regra para estudantes de 6 a 10 anos de idade. Já os anos finais, com quatro anos de duração, contemplaram jovens entre 11 e 14 anos. Apesar de pertencerem ao mesmo nível, os objetivos das duas fases do ensino fundamental eram distintos. A primeira fase tinha como foco o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. Já a etapa dos anos finais tinha como objetivo assegurar aos estudantes o acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura, considerados imprescindíveis para a vida em sociedade. Além disso, era essencial pautar a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamentam a sociedade e para o estudante.

Além disso, o Ensino Fundamental tem caráter obrigatório e se traduz como um direito público subjetivo de cada um, como dever do Estado e da família na sua oferta a todos. Então, caso a família não cumprisse com o dever de matricular as crianças e adolescentes, responderia pelo crime registrado no Código Penal: abandono intelectual.

Apesar de toda mudança estrutural na educação do Ensino Fundamental, ainda o estudante não foi colocado em evidência. A última mudança da legislação educacional foi por meio da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, emenda à LDB de 1996, que tornou o ensino formal obrigatório entre os 4 e 17 anos. Os pais, então, ficaram responsáveis por matricular suas crianças na Educação Infantil a partir dos 4 anos de idade e por sua permanência até os 17 anos, com a conclusão do Ensino Médio. Caso o estudante não consiga completar dentro da idade estabelecida por lei, foi oferecido o direito de concluir o ensino pela modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que incentiva a conclusão dos estudos de forma diferenciada.

Ao estudar o percurso de todo o Ensino Fundamental, foi possível analisar que o Brasil passou por um longo e complexo processo de formação. Muitos grupos independentes lutaram por uma educação universal e gratuita, como também houve grupos que buscaram o foco no aluno.

No entanto, durante o processo da formação da educação, não ocorreu valorização da criatividade do aluno, ou seja, o aluno na maioria das vezes foi colocado como um observador do conhecimento e não o produtor dele. Sendo assim, gradativamente, alguns educadores buscaram caminhos alternativos para tornar a educação uma aprendizagem significativa para o aluno, mesmo sendo ações isoladas.

Em nenhuma legislação o aluno foi considerado o foco, agente principal do conhecimento. As mudanças estabelecidas nas leis educacionais buscaram atender o governo e/ou as demandas econômicas.

CAPÍTULO 2 – O MÉTODO DA TIMPANIZAÇÃO E SEUS GESTOS

2.1 Timpanização

O método da timpanização foi desenvolvido por Biato (2015) e foi utilizado na presente pesquisa. Esse método foi desenvolvido e aplicado na Tese de Doutorado com o tema: *Oficinas de escrituras: possibilidades de transcrição em práticas de saúde, educação e filosofia*. A timpanização é um método que permite a mudança no sentido duplo, como: professor x aluno, ensino x aprendizagem, transmissor x receptor, entre outros.

Por que timpanização? Origina-se da palavra tímpano, que é uma pequena membrana circular localizada no fundo do ouvido externo. Essa membrana vibra com as ondas sonoras, emitindo vibrações ao cérebro, que conseqüentemente nos possibilita escutar os sons. A membrana do tímpano é uma proteção que separa a orelha externa da orelha média. A orelha média é uma cavidade preenchida por ar, que contém os ossículos da audição. O som é captado pela vibração da membrana do tímpano, que faz os ossículos se movimentarem (Paulucci, 2005).

Para escutar fisicamente, é necessário um agente físico capaz de alterar o estado de repouso do tímpano, ou seja, para escutar é preciso sair da inércia. Para escutar além tradicional, precisamos ultrapassar o tímpano e adentrar nas entranhas para aguçar mais sentidos.

As palavras são sons que batucam no ouvido e que são traduzidos pelos tímpanos ao nosso cérebro. Com inspiração nessa perspectiva, o método de timpanização nos permite quebrar barreiras dos significados tradicionais e buscar infinitos novos sentidos, desconstruindo o que sempre foi dito e descrito como certo ou verdadeiro. O cérebro é martelado pelos novos sentidos, como descrito por Biato e Monteiro (2016, p. 183), em que “o martelo dá as pancadas no tímpano, como o batuque num tambor”. A cada nova batucada, um novo sentido resplandece. Portanto, a timpanização nos permite analisar falas e textos com uma nova perspectiva, com uma visão de que os fatos sempre estão por vir, ou seja, um novo desconhecido.

Para a utilização do método da timpanização, caminharemos por meio de três gestos: tatear escombros, disseminar sentidos e criar cadeias suplementares.

2.2 Tatear escombros

De acordo com o Dicionário Michaelis (2000, p. 2025), a palavra tatear significa “procurar conhecer por meio tato, apalpar, aplicar o tato e apreciar por meio do tato”. Porém, tatear escombros na timpanização é um gesto de experimentação de sentidos e não apenas do tato; é utilizar o tato para aguçar todos os outros sentidos e conseguir identificar a presença do resquício da metafísica da filosofia ocidental.

A metafísica ocidental trabalha com verdades absolutas e os dualismos clássicos, como o certo e o errado, a saúde e a doença, o claro e o escuro, o ensino e a aprendizagem, entre outros. Ao tatear o texto, somos capazes de identificar esses resquícios e torná-los ponto de partida, a fim de designar novos sentidos.

Biato, Ceccim e Monteiro (2017) descreveram o procedimento de tatear escombros como: tatear e buscar novos significados, quebrando com as verdades impostas como absolutas e inquestionáveis, e adentrar nas regras do jogo e questioná-las propondo uma nova forma de pensar.

É possível ainda, ao tatear o texto, identificar a permanência do dualismo da metafísica e as verdades estabelecidas ao longo dos anos. A partir da identificação dos dualismos, iniciamos o processo do rompimento e expansão dos sentidos. E, para conseguir luxar os tímpanos que separam os dualismos clássicos do sistema de aprendizagem, é preciso romper com esses conceitos engessados e permitir romper a parede que separa esses conceitos pré-existentes, abrindo caminhos diversos. Sobre o rompimento desse tímpano, Biato e Monteiro (2016, p. 185):

(...) para que seja possível luxar os tímpanos, é preciso haver uma nutrição com as forças encontradas no discurso a ser desconstruído, uma vez que o objeto da desconstrução serve de substrato para o procedimento: propõe, portanto, a manipulação dos elementos que parecem prontos na linguagem, com a apropriação do envio do emissor.

Nessa perspectiva, o desejo é de extrapolar as funções de emissor e receptor, desconstruir a fixidez do modelo, questionando os signos utilizados tradicionalmente, superando, assim, os limites pré-estabelecidos como verdades e permitir a criação de novos papéis e funções.

Podemos exemplificar as funções tradicionais de uma sala de aula, onde há aluno-receptor e professor-transmissor. Nesses exemplos, ao tatear o texto, identificamos os escombros no que se refere à relação de aluno e professor, exercendo, respectivamente, os papéis de receptor e transmissor. Em posse dessa análise, iniciamos um processo de desconstrução dos sentidos tradicionais, demonstrando, assim, que as trocas acontecem a todo momento no processo de criação do conhecimento por todos, porque as aulas são compostas de inúmeras oportunidades tanto para alunos quanto para professores.

Desse modo, um novo sentido da relação estabelecida entre aluno-professor e aluno-aluno, permitindo que o espaço da sala de aula seja um local de bons encontros. Segundo Espinosa (2019, p. 259), esses encontros são denominados de bons encontros, por permitir que “a mente imagine coisas que aumentem ou favorecem a potência de agir de nosso corpo”.

Nesse viés, a Feira Medieval, material desta pesquisa, propôs um modo diferenciado, experimentado pelos alunos e professores para a elaboração do conhecimento. Para tanto, propõe reconhecer os escombros metafísicos e utilizá-los como ponto de partida para extrapolar os novos sentidos de fazer em uma sala de aula.

2.3 Disseminar sentidos

A timpanização traz como procedimento disseminar sentidos. Ele se desenvolve a partir dos dualismos identificados ao tatear os escombros das escrituras ou falas.

O procedimento de disseminar sentidos tem objetivo buscar sentidos diversos da palavra além daqueles utilizados normalmente ou tradicionalmente. Então, quando tomamos as palavras que estão ligadas à educação, como didática, ensino-aprendizagem, professor-aluno e conhecimento, o objetivo é multiplicar e tornar infinitos os sentidos das palavras, desconstruindo o tradicional. Biato (2015, p. 129) descreve que:

Gesto que o oficinante, como escreleitor, dissemina e que o professor e o pesquisador disseminam, ou seja, declaram como linguagem de fuga às familiaridades, como verdades do instante. É uma operação de indecidíveis. Sem pretender achar os significados originários perdidos sobre saúde-doença-cuidado nos textos, exerço o gesto de disseminar

sentidos, como processo acelerado de mitoses, porém, sem fidelidade ao teor de DNA.

A partir dessa perspectiva, radicalizar a forma de pensar e não buscar o sentido original das palavras e não nem o conceito delas. Conforme descrito pelo filósofo Derrida, não trabalhar o núcleo da origem (tradicional) mas, o que denomina de secundariedade, onde se inscreve as diferenças (Santiago, 2020).

Na escritura dos textos das aulas, aparecem espaços que podem ser preenchidos de várias formas, abrindo inúmeras possibilidades de sentidos, tanto para o professor quanto para os estudantes. Essa amplitude é interpretada, muitas vezes, como polissemia, que designa múltiplos significados. No entanto, disseminar sentidos ultrapassa a polissemia. Duque-Estrada (2002, p. 13) descreve que:

(...) a polissemia promove a proliferação de níveis semânticos e o retorno a si, mesmo na direção da plenitude do termo, a disseminação apaga o caminho de retorno e a noção da existência de uma matriz de pensamento sobre o conceito em questão.

A disseminação é um explodir de sentidos, uma infinidade de possibilidades de descrever a sala de aula e as relações que existem nela. Portanto, é como se realizássemos uma revolução contra os sentidos metafísicos.

Podemos comparar o trabalho disseminar sentidos ao processo digestivo. É como se o texto passasse por uma constante digestão no cérebro. Para conseguir desvendar os sentidos do texto, Derrida (2017, p. 92) aponta que é necessário realizar um processo de ruminância, e cada nova digestão um novo sentido é criado. É como se o texto passasse várias e várias vezes pela digestão do cérebro e o resultado apresenta-se sempre de forma diferente. Embora a mesma pessoa leia e releia o texto, a cada final da digestão, um novo sentido será criado. Esse novo suco alimentar (produto da digestão) nada mais é do que o resultado de disseminar o sentido das palavras.

Assim como o suco alimentar não poderá retornar ao seu estado original, mesmo que retorne ao seu ponto de origem, assim acontece com o sentido das palavras que, ao disseminar os sentidos das palavras – mesmo que se tenha um original, esse apaga o caminho de volta (Duque-Estrada, 2002).

O processo da criação da Feira Medieval foi um trabalho que os alunos e os professores ruminam os significados das aulas, dos encontros e dos

conteúdos ministrados em sala de aula. Como se a cada produção de uma aula estivesse sendo criada, ou seja, nunca se produz da mesma forma. Ou seja, um constante vir-a-ser, como citado por Nietzsche, que “a única realidade é o do vir a ser, de modo que o espaço não existe, é uma construção imaginária do vivente” (Marton, 2016, p. 200). Quer dizer que o resultado do processo de disseminar sentidos não é previsível:

A maneira pela qual o indivíduo encara o que lhe acontece depende de sua configuração pulsional, de sua condição de vida. Por isso mesmo, as vivências não podem ter caráter universal; elas são sempre singulares. (Marton, 2016, p. 420).

A leitura desconstrutora de disseminar sentidos é libertadora e de caráter criador, um descreir sem destruir (Biato; Ceccim; Monteiro, 2017). A disseminação dos sentidos, no âmbito da educação, é como se fôssemos tecendo uma grande teia, onde existem encontros e desencontros, no qual misturam-se saberes de professores e alunos e estabelecem-se múltiplos sentidos de uma sala de aula, não sendo possível saber onde se iniciou ou termina.

2.4 Criar cadeias suplementares

O terceiro processo da timpanização é criar cadeias suplementares. O suplemento é algo que acrescenta a mais, inclui mais algo no já existente que, por si só, já é completo, assim, diferenciando-se do complemento.

Por exemplo, ao realizarmos uma atividade do livro, esses podem servir de complemento ao conteúdo trabalhado em sala e permitir com que o aluno e professor repensem sobre o conteúdo trabalhando. No entanto, podemos utilizar o mesmo texto ou a mesma aula recriar um texto com suas próprias percepções, assim criar cadeia suplementar da escritura do texto, tanto pelo aluno quanto pelo professor.

As escrituras teriam caráter completo também, por isso não seriam um complemento, e sim um suplemento. “Um suplemento se configura como uma adição, um significante disponível que acrescenta e fornece um excesso” (Biato; Ceccim; Monteiro, 2017, p. 632).

Já o termo cadeia, de acordo com o dicionário Michaelis (2000, p. 383), significa “corrente formada de anéis ou elos quaisquer, algo que se dá continuidade encadeamento sucessão”.

Então, criar cadeia suplementar nos permite uma corrente de possibilidades, elos que se ligam formando uma sucessão de escrituras de escritura e, assim, criar uma infinidade de escrituras. E quando menos percebemos, essa cadeia torna-se tão grande que é impossível localizar a escritura de origem, tornando todos os as escrituras originais e suplementares.

O suplemento é a parte que se junta ao todo para ampliar ainda mais os sentidos, e o discurso de repente se torna capaz de preencher ou interpretar quaisquer lacunas que encontre, mesmo que não fosse necessário para preenchê-la. Ou seja, criar um texto a partir de outro texto, um novo texto ou uma nova escritura é criar cadeias suplementares.

Quando o aluno realiza a análise da escritura de uma aula do professor, ele cria a cadeia suplementar a escritura do conhecimento, implementado a sua vivência, sendo assim, um criador (Biato; Ceccim; Monteiro, 2017). As escrituras realizadas pelos alunos são atravessadas pelas suas vivências, tanto de forma individual quanto de forma coletiva, junto aos seus colegas, em sala de aula. “A cadeia de suplementos incluída no exercício de timpanizar tem a pretensão de provocar processos artísticos, inventivos, criadores, que os encontros nos proporcionam” (Biato; Ceccim; Monteiro, 2017, p. 634) para elaboração do projeto a partir das aulas trabalhadas para a produção da Feira Medieval.

Portanto, o aluno, ao realizar a sua própria escritura, cria a cadeia suplementar sobre o tema da Idade Média, tornando o conteúdo significativo. Esse texto se torna um texto autobiográfico, por possuir experiências vividas apenas por ele e com destino errante, porque não se sabe aonde irá para essa escritura. De acordo com Biato e Leitão (2017, p. 161), “a escritura é destinada de seu autor a si mesmo — auto afecção —, e simultaneamente, enviada sem rumo certo, sem que se possa controlar seus efeitos”. Com a escrita de criar a cadeia suplementar, acontece o chamado parricídio, ou a morte do pai do texto.

CAPÍTULO 3 – FEIRA MEDIEVAL: ONDE TUDO COMEÇOU

A Feira Medieval foi um projeto desenvolvido desde 2005 pelos alunos e professores do Colégio Sigma, que tem por objetivo a criação de formas diversas de aprender e se relacionar com o conteúdo do período da Idade Média da Europa Ocidental.

Como vivem? O que vestiam? Como realizavam as trocas comerciais? Do que eram feitos os castelos e casas da época? São alguns dos temas de interesse dos estudantes que, assim, ampliam as virtudes exploráveis por meio de um novo olhar. A partir do olhar curioso do aluno, foram desenvolvidas novas trajetórias para a escritura da Idade Média em forma de teatro, dança ou recitação de poema, tendo infinitos sentidos para viajar no tempo.

O principal objetivo da Feira Medieval foi proporcionar aos alunos a melhor compreensão da sociedade da Europa Ocidental, através das trocas com os colegas. Nesse projeto, o aluno tornou-se um agente ativo no processo da elaboração do saber, por meio de pesquisas, diálogo e apresentações, que abordaram a política, a economia, a cultura, a religiosidade, o cotidiano, a saúde e a ocupação do espaço durante a Idade Média.

Paralelamente, foram promovidos momentos que permitiram os alunos estabelecerem vínculos com seus pares e seus professores, ao entenderem as reuniões de preparação como espaço de bons encontros.

O projeto da Feira Medieval foi se desenvolvendo ao longo dos anos, trazendo a cada ano uma nova artistagem. A artistagem é sempre um devir, processos de desejo que não são uma imitação ou cópia da produção do outro, é tornar diferente por meio de vias diversas, mesmo partindo de um mesmo ponto (Corazza, 2008, p. 1).

Para essa reflexão, não se pretendeu cumprir uma proposta metodológica norteada por um suposto distanciamento necessário a uma pesquisa em termos de um racionalismo científico, uma vez que houve a participação da autora no acontecimento em questão. Pelo contrário, buscou-se pela aproximação, de maneira que as relações cotidianas dos professores e suas impressões fossem trabalhadas durante todo o processo. Assim, o projeto tornou-se um instrumento singular, tanto para o condutor (professor), quanto para os executores (alunos).

O professor iniciou o projeto realizando a exposição das habilidades e das

competências envolvidas no processo de execução. Os olhos atentos e curiosos ou às vezes reprovador dos alunos miraram-se em direção ao docente, como se nada de novo fosse acontecer.

A criatividade começou a se embrenhar nas inúmeras possibilidades de liberdade de fazer do aluno. Abriu-se uma tela em branco para iniciar uma pintura de várias mãos e mentes, porque o projeto é desenvolvido em pequenos grupos formados de alunos diversificados, que englobaram desde amigos às pessoas que possuem pouca intimidade.

Após ter os grupos formados, iniciou-se a distribuição dos temas. O suspense dominou o ar da sala de aula, os alunos torceram durante o sorteio do tema. Assim, os temas sugeridos retirados de um cesto e entregues aos grupos. A formação dos países na Europa Ocidental, comércio na Baixa Idade Média, vida e cotidiano na Alta Idade Média, Cruzadas, Arte Medieval, cultura e religiosidade da Alta Idade Média são os temas norteadores sugeridos.

A partir desse ponto, os grupos começaram a elaborar os trabalhos para a apresentação, utilizando as trocas de ideias dentro e fora de sala de aula. O professor auxiliou cada grupo de acordo com as demandas que foram surgindo. Os processos educativos em sala de aula são transpostos pela criatividade dos estudantes durante os encontros.

Não poderíamos deixar de destacar que os trabalhos recebem características individualizadas. Com a contribuição de todos, cada componente com sua vivência foi preenchendo a produção da Feira Medieval a cada pincelada. Segundo Nietzsche, a maneira pela qual o indivíduo encara o que lhe acontece depende de sua configuração pulsional e sua condição de vida. Por isso mesmo, “as vivências não podem ter caráter universal; elas são sempre singulares” (Marton, 2016, p. 420). Portanto, o projeto da Feira Medieval proporciona a todos os envolvidos um estar por vir a ser.

Sendo assim, criar a disseminação de sentidos da Feira Medieval amplia seus significados obtidos até então, valendo até mesmo para o professor que participou de diversas feiras anteriores. A cada ano, uma nova escritura que permitiu a criação de cadeias suplementares sobre o projeto da Feira Medieval.

A cada semana, uma aula de História foi disponibilizada para o encontro dos grupos, que criaram estratégias variadas para a elaboração do trabalho. Os pequenos encontros em sala de aula, ou fora dela, permitiram que os alunos

estreitasse os laços de amizade, desenvolvendo a cooperação e a escuta. Às vezes, as discussões ocorreram de forma natural, com ideias divergentes; em outros momentos, tornaram-se debates mais acirrados. Não obstante, foi a partir desses diversos pontos de vista que uma criação única começou a surgir, com assinatura própria. Como destacado por Maheirie e Strappazzon (2013, p. 118), “pode-se pensar que um indivíduo, ao encontrar outro ou um grupo, compõe a relação num encontro. Em algum deles sente a alegria e outros tristeza, assim estabelecendo bons e maus encontros respectivamente”.

Um dos objetivos do projeto foi permitir a liberdade de criar dos alunos e professores durante os encontros. Mesmo que os encontros não sejam ideais, ou seja, bons encontros, tanto o aluno quanto o professor mergulharam em experiências com novos sentidos.

Os professores, apesar de não executarem o projeto, atuaram nos bastidores, ouvindo as ideias dos alunos e oferecendo sugestões, posteriormente. Nessa troca, há um emaranhado de mãos que participaram da criação de bons encontros em sala de aula. Segundo Corazza (2013), o trabalho do professor com a educação pode ser encarrado do mesmo modo como um artista pensa e vive sua arte, de forma livre e criativa. Assim, possibilitando que a criatividade possa inundar o trabalho dos alunos e as aulas dos professores.

Além de aprofundar o estudo do conteúdo da disciplina de História, a execução do projeto possibilita, também, que os alunos mergulhem na cultura medieval. Isso ocorre porque, paralelamente, há a execução do trabalho em sala de aula, além dos momentos em que os estudantes realizaram a construção de vitrais e mosaicos, com os professores de Arte, ampliando o conhecimento.

Essas novas vivências permitiram aos alunos descobrirem habilidades até então desconhecidas, haja vista que as ferramentas utilizadas nas aulas tradicionais são de pouca criticidade e criação, enfatizando principalmente a repetição e a memorização. No entanto, a Feira Medieval permite que os alunos utilizassem todas as ferramentas disponíveis, bem como novas maneiras de produzir conhecimento. Assim, ao oportunizar o aluno a consciência que criar é transgredir continuamente limites e o original, abre-se um portal do mundo fantástico da imaginação. Para Freire (2019, p. 54), “a consciência é permitir o ser humano a lutar pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas e como seres para si”. Percebemos

que o infinito é o limite para os alunos que voam no processo de criação.

Os trabalhos do projeto foram concluídos com a realização da Feira Medieval, dia letivo em que foi realizada, no espaço do colégio, a exposição de todos os trabalhos em vários *stands*. Nesse dia, uma das unidades do colégio passou por uma transformação: foram incorporadas várias decorações que lembram um cenário da Idade Média. Entre as partes que compõem a Feira Medieval, os trabalhos realizados nas aulas de Artes ganharam destaque no pátio central, trazendo um ar de leveza e delicadeza. Os estudantes se caracterizaram com vestimentas medievais, a fim de comporem também o cenário.

O público-alvo do evento foram os familiares e amigos. Tais convidados fizeram uma imersão cultural no período dos castelos, dos cavaleiros, dos reis e das princesas, juntamente com alunos e professores.

Aproveitando-se do clima medievalesco, os alunos, voluntariamente, executaram uma dança medieval como parte da abertura do evento. A apresentação foi criada pela professora de dança da unidade escolar, com o intuito de abrilhantar a Feira Medieval. Cada espaço da escola foi preenchido com as atividades dos alunos, provenientes de cada bom encontro.

As apresentações variaram desde a exposição de cartazes a pequenas encenações teatrais. Um fato curioso a ser mencionado foi que as apresentações de temas semelhantes foram desenvolvidas de formas totalmente distintas.

Os visitantes puderam apreciar uma exposição de pequenas ferramentas medievais, que foram desenvolvidas por alguns alunos, a partir de técnicas e habilidades com o artesanato. Os dotes culinários também receberam destaque especial na Feira: alguns estudantes se habilitaram a levar e oferecer sopa e quitutes da época histórica.

Nesse processo da elaboração da Feira Medieval, houve também o critério de avaliação dos trabalhos. A avaliação foi realizada através das observações dos professores em sala de aula e, também, no dia da Feira, por outros docentes. Como resultado, houve uma substituição da avaliação tradicional que seria realizada pelos alunos pela nota do projeto.

Apesar da pontuação, destacamos que não foi o motivo que definiu a principal aprendizagem durante o projeto, e sim a interação entre professor e

aluno, refletindo diretamente na melhoria das relações estabelecidas no espaço de sala de aula, tornando-o um local para bons encontros para o desenvolvimento do conteúdo.

A partir dessa experiência, tanto o professor como o estudante saíram modificados pelos encontros. Na maioria das experiências vivenciadas no projeto da Feira Medieval, as relações entre os pares tiveram um ganho significativo, além do estabelecimento de um conteúdo voltado para o aluno.

3.1 Timpanização da Feira Medieval: uma criação de várias mãos e ouvidos

O livro, aulas expositivas e filmes são ferramentas do nosso cotidiano para mergulhar na Idade Média. Aqui foi abordado esse conteúdo programático por meio de perspectiva do aluno.

Para buscar essa perspectiva, utilizamos como ferramenta de pesquisa a execução da Feira Medieval do Colégio Sigma pelos alunos do 7º ano, localizado em Brasília-DF.

O primeiro passo foi enviar uma carta de consentimento e autorização para o Colégio Sigma, com o intuito de realizar a pesquisa utilizando o material produzido ao longo dos 17 anos de execução da feira e ter acesso aos alunos e professores envolvidos no projeto. Tal carta foi assinada pela Diretora Pedagógica do colégio, representada na pessoa de Carolina Witzke Darolt, que ressaltou a importância de realizar pesquisas, nas quais permitem que professor possa ampliar as formas de pensar sobre a elaboração das aulas e do conhecimento. O documento encaminhado para a escola e para os alunos possui o Certificado de Apresentação e Apreciação Ética de nº 43361320.4.0000.0030.

O segundo passo era envolver os alunos, ex-alunos e professores, que participaram das montagens, elaborações, criações e execuções das Feiras Medievais desde o ano de 2011. No entanto, um grande desafio instaurou-se em março de 2020, com o início de um cenário não imaginado por ninguém: a pandemia da Covid-19, que impossibilitou o encontro pessoal. Como ter acesso aos alunos e aos professores? Então, houve a elaboração de perguntas na plataforma *Google forms* (Anexo C), que permitiu aos alunos a elaboração de parágrafos abordando os encontros, o desenvolvimento do conteúdo, as

relações com os professores e as formas utilizadas para a realização da Feira Medieval.

Como terceiro passo da pesquisa, utilizamos os parágrafos elaborados pelos alunos. Para realizar a releitura das escrituras dos alunos, utilizamos o método da timpanização, já que há a possibilidade de desconstrução das escrituras, disseminar o sentido dos termos utilizados, bem como criar cadeias complementares das escrituras.

Por sua vez, tatear escombros tem como objetivo aguçar todos os sentidos, para analisar aspectos de ensino-aprendizagem de uma sala de aula no processo educativo de professores e alunos, identificando o dualismo da metafísica e, a partir deles, disseminar os sentidos e libertar as raízes presas dos significados tradicionais dos signos no âmbito escolar.

Sendo assim, é possível potencializar tanto o aluno quanto o professor, com o intuito de abrir infinitas possibilidades e, por último, por meio da leitura e escritura, abrir caminhos para a criação de cadeias suplementares do projeto da Feira Medieval.

A disseminação de sentidos é um procedimento que permite que professores e estudantes, no processo da construção da Feira Medieval, consigam se libertar das amarras tradicionais das aulas bancárias. Nesse sentido, há novas maneiras que permitam que professores e alunos extrapolem a perspectiva dualística do ensino e da aprendizagem concernentes ao tema da Idade Média.

Com professores e alunos dentro do processo, permitiu-se a criação de cadeias de suplementos dos conhecimentos envolvidos execução da Feira Medieval. O método de timpanização deseja não normalizar, adequar ou padronizar os processos de aprendizagem, e sim luxar com essa membrana do tímpano que vem sendo estabelecida como limite na educação há várias décadas.

E como quarto passo, houve a elaboração de uma oficina, com o intuito de aplicar, em momentos futuros, nas escolas que tenham o interesse de utilizar a Feira Medieval como material norteador de criação para alunos e professores.

CAPÍTULO 4 – TIMPANIZANDO A FEIRA MEDIEVAL POR MEIO DA ESCRITURA DOS ALUNOS

O método da timpanização explanado neste trabalho é “como, um gesto de desconstrução” (Biato *et al.*, 2017, p. 625), ou seja, “timpanizar parece ser ação de movimentar o pensamento e descrevê-lo em bases novas: filosofar com um martelo” (Biato; Monteiro, 2016, p. 178). Além disso, Biato e Monteiro (2016, p. 181) destacam que a realização de leitura da escritura de um aluno favorece a disseminação da escritura, buscando um corpo-escritura performatizada de vivências que é atravessada por inúmeras vivências dos encontros e de sua mala cheia de experiências.

Nos próximos parágrafos, apresentamos trechos de escrituras de estudantes que participaram do Projeto da Feira Medieval entre os anos 2011 e 2014. Esses recortes foram extraídos do Formulário de Pesquisa da Participação em Feiras Medievais do Colégio Sigma, em que foi respondido via *Google Forms*. Nesta pesquisa, preservamos o nome dos participantes e utilizamos apenas seus sobrenomes.

4.1 As Escrituras

Escritura 1:

Foi uma experiência de muito aprendizado e muito importante para vida escolar, já que a Feira Medieval foi efetivamente o primeiro trabalho em grupo em que tínhamos que tomar grande parte da iniciativa de ir atrás, pesquisar e formalizar a apresentação sobre, além de proporcionar bons momentos entre amigos, familiares e professores no dia da apresentação (LEÃO *In*: FORMULÁRIO, 2022, s/p).

Tatear escombros tomando o trecho, a escola, mesmo atualmente, não proporciona oportunidade de realizar atividades em grupos e indica que a criatividade e iniciativa dos alunos são colocados em segundo plano.

Disseminar sentidos, a fim de romper com o original, multiplica os sentidos da realização do trabalho em grupos como sendo locais de bons encontros. Maheirie e Strappazzon (2016, p. 125) apontam que “os bons encontros formam composições que se estendem, transcendendo os limites cronológicos, espaciais”.

Criar uma cadeia suplementar equivale a criações ilimitadas. Essas criações, compostas por inúmeras mãos, permitem uma tradução da sala de aula vivida diariamente não sendo uma obra concluída. Para Corazza (2016, p. 3), a didática é uma eterna criação, em que “movimentos da prática do pensamento educacional, na direção tradutória de atos transcriadores”. O sentimento do professor é ter uma criação única em um encontro que poderia ser tradicional, mas que se tornou obra-prima.

Tentar entender o encontro entre os corpos e as ideias abre caminhos para compreender as múltiplas manifestações dos afetos. Sendo assim, Espinosa (2019, p. 237) define afeto como “as afecções do corpo pelas quais a potência de agir do corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias dessas afecções”.

Escritura 2:

“A Idade Média é um conteúdo muito grande, acredito que se fossemos aprender dentro de uma sala de aula para depois aplicar em um aprova simples de 7 ou 8 questões seria muito maçante e cansativo e provavelmente menos eficaz”. (LEÃO, *In*: FORMULÁRIO, 2022, s/p).

“Há coisas do conteúdo que até hoje permanecem na minha memória, devido à dinâmica e diferencial que foram trabalhados” (ROLINS, *In*: FORMULÁRIO, 2022, s/p).

Ao tatear escombros, entendemos que as avaliações tradicionais ainda são instrumentos utilizados como medidores de conhecimentos, que valorizam a quantidade e não a qualidade ou a criatividade do aluno. “Didática e Currículo que estão articulados a uma teoria criadora; e que, por isso, não podem ser guiados por uma tradutologia ou ciência da tradução, mas por uma poética do traduzir” (Corazza, 2016, p. 4). “Seria muito muito maçante e cansativo” (LEÃO, *In*: FORMULÁRIO, 2022 s/p): assim o aluno se sente quando o conteúdo não se torna significativo.

Para disseminar sentidos, o projeto da Feira Medieval tornou-se como um espaço para todas as mãos envolvidas. A criatividade envolvida amplia de forma significativa o conhecimento, proporcionando novos sentidos. De acordo com Corazza (2016, p. 5), o conteúdo não se traduz ao realismo, mas, expande

seus sentidos no mundo misterioso da criação passando pelos envolvidos.

Ao criar uma cadeia suplementar, as memórias são compostas por vivências ao longo dos encontros, transpostos em forma de conteúdos, que vão perpassando anos e marcando vidas. Independentemente se os alunos ou os professores foram marcados, são desses encontros cheios de conteúdos e vidas que se formou a Feira Medieval. Os bons encontros são gravados na forma de memória significativa. São traços deixados pelos bons encontros ou são os bons encontros que fizeram os traços? Seja qual for qual caminho percorrido, sabe-se que foram repletos de leituras, escrituras e releituras dos momentos criativos.

O preenchimento desses encontros pode ser associado a uma paleta de cores de um artista, que possibilita uma infinidade de combinações. Mesmo que a mistura seja com as mesmas cores, nunca resultam exatamente o mesmo tom. Assim são os encontros em sala de aula: o cotidiano da sala resulta em criações ímpares, embrenhadas de afecções únicas dos corpos envolvidos. Podemos entender então que a explosão de sentidos criadas no processo da elaboração da Feira Medieval refere-se tanto ao conteúdo como às relações dos encontros.

Escritura 3:

Acho que foi uma forma de desenvolver a autonomia dos alunos, aprendermos a pesquisar sobre um assunto em diferentes livros e fontes, não apenas com o livro da escola, ou o caderno de anotações das aulas da professora, estávamos muito mais ativos no processo de aprendizagem. Além de ter aprendido dessa forma mais divertida, podendo ter momentos de descontração com amigos, utilizando de mecanismos artísticos como encenação, maquete, cartazes e decorações (QUEIROZ, *In*: FORMULÁRIO, 2022, s/p).

Tatear escombros com escritura da aluna, denota “não apenas com o livro da escola, ou o caderno de anotações das aulas da professora”. A ferramenta da transmissão do conhecimento sendo o detentor da fala é evidente, sendo o fonocentrismo presente no papel do professor forte na filosofia ocidental (Santiago, 2020, p. 63). Desse modo, tornar o aluno apenas um ouvinte e depósito subestima seu grau de criação.

Disseminar sentidos por meio da criatividade dos alunos está atrelada às oportunidades que são dadas a eles. O desafio é um combustível para os corpos dos estudantes que, por meio do diálogo, conseguem criar novos modos

de pensar a Idade Média. No trecho “além de ter aprendido dessa forma mais divertida, podendo ter momentos de descontração com amigos, utilizando de mecanismos artísticos como encenação, maquete, cartazes e decorações” (Queiroz, *In*: FORMULÁRIO, 2022, s/p) mostra que os encontros dão asas a obra-prima criada pelas mãos com mentes repletas de ideias. Para Ulpiano (1988), o terceiro gênero do conhecimento é denominado por Espinosa de ciência intuitiva, que é a capacidade do ser humano de inventar e criar. Assim, a Feira Medieval, mesmo sendo um projeto que ano a ano se repete, varia em sua forma criativa. É possível compreender do trecho da escritura do estudante que os bons encontros geram descontração, mas, ao mesmo tempo, instiga a criação. Para Maheirie e Strappazzon (2016, p. 120) “e quando este ocorre, não há previsibilidade para o acontecimento, visto que do encontro podem emergir múltiplas possibilidades”.

Na criação de uma cadeia suplementar, as imagens de uma pintura ou uma decoração podem estar repletas de vivências, visto que transbordam os limites do conhecimento tradicional e inspiram uma escritura de inúmeras mãos que nascem de um bom encontro, promovido ou não em sala de aula, assim como pode ocorrer na sala de estar de um aluno. Ao ter a opinião da mãe ou a sugestão de um irmão, ou mesmo um auxílio do pai, a multiplicidade de olhares penetram na criação de um cenário. Essas entrelinhas que não aparecem nos textos, falas e cartazes são tão essenciais nessa obra da Feira Medieval que possuem uma assinatura autobiográfica de cada envolvido: alunos, amigos, pais e professores.

Utilizando alguns elementos da Ética de Espinosa, levantamo-nos a novos sentidos dos afetos nos processos de criação do conhecimento no espaço da sala de aula. Isso remete a uma pintura inacabada, que vai transbordando durante o processo de sua criação, afetando professores e alunos num processo de vir a ser.

Escritura 4:

Acho que por ter sido um processo tão leve, divertido e imersivo, a Feira Medieval já era conhecida, já era algo que eu tinha vontade de participar antes mesmo de estar no 7º ano. Então, participar em um modelo tão colaborativo e para além da sala de aula foi muito importante para mim. Lembro de querer na época que houvesse uma

feira grega, uma feira egípcia, uma feira sobre cada um dos assuntos que mais interessava em história (minha matéria favorita) (Magalhães, *In*: FORMULÁRIO, 2022, s/p).

No trecho “acho que por ter sido um processo tão leve, divertido e imersivo” da aluna destaca, ao tatear escombros, que a sala de aula precisa de um ambiente mais criativo para ter significado. Quanto mais o aluno sentir inserido no processo, ele deixe de ser apenas um espectador da Idade Média e permite a inserção na sua compreensão.

Para disseminar sentidos, pensar em Idade Média remete a filmes e trechos de livros que muitas vezes coloca aluno e conteúdo em lados opostos ou mesmo distantes. Contudo, quando na Escritura 4 a aula aponta que a Feira Medieval já era conhecida mesmo antes de estar na série para participar, demonstra que o significado da Idade Média havia chegado até a realidade dessa aluna pela criação de outros alunos, mostrando a importância de experimentar no dia a dia a História. Desse ponto de vista, o professor tem em suas mãos a criatura para uma nova criação, que está com anseios de interesse e vontade no conteúdo. Para os estudantes, há a transposição de múltiplas possibilidades de criação, que transborda a vontade da estudante em expandir o conhecimento para outros períodos da História, como a Antiguidade.

O suplemento da Feira Medieval, como forma de cadeia suplementar, são as criações repletas de criatividade dos alunos, que dançam, cantam, interpretam e escrevem a Idade Média atravessado pelas suas experiências. A criatura que cria deixa sua marca e leva com si vivências que permearão suas futuras criações.

Para cada um desses bons encontros, demonstra-se uma criação que vai além de um destino errante. Na Escritura 4, a aluna destaca que a participação da Feira é um modelo colaborativo e avança os espaços fora de sala de aula. Dessa maneira, não saber onde vai parar a criação é o grande mistério da Feira Medieval. Cabe o questionamento: qual será a próxima criação?

A principal falha do educador seria estagnar-se nas dificuldades e criar um abismo entre o conhecimento e a criação do aluno. Todas essas experiências fazem parte da vivência para ambos. De acordo com Marton (2016, p. 420):

A vivência é a maneira com que o indivíduo encara o que lhe acontece depende de sua configuração pulsional, de sua condição de vida. Por isso mesmo, as vivências não podem ter caráter universal; elas são sempre singulares.

Portanto, a criação de um espaço-tempo de sala de aula como um local de bons encontros sempre será produzida de forma singular, tanto pelo professor quanto pelos alunos no convívio no cotidiano da aula. Essa experiência passará a fazer parte da vivência de ambos, bem como refletirá diretamente na criação do projeto da Feira Medieval com sentidos que antes não possuíam.

Escritura 5:

Tivemos muitos encontros, foi bem puxado. Estávamos muito dedicados a fazer um bom trabalho e estávamos sempre indo para casa de algum colega fazer atividade, pois tinha muita coisa para fazer. Mas, também foi muito bom para fortalecer a amizade e ter momentos de descontração com os colegas, momentos que lembramos até hoje. Ao mesmo tempo, necessitava de muita dedicação, foi muito divertido (Queiroz, *In*: Formulário, 2022, s/p).

“Muito dedicados a fazer um bom trabalho” e “estávamos sempre indo para casa de algum colega fazer atividade” são trechos que, ao tatear escombros, retratam que mesmo a Feira Medieval adentra a casa dos alunos, ainda é vista como trabalho ou atividade escolar, ainda não entendida como um projeto de criação. Esse fato é reforçado pelo fato do projeto estar ligado diretamente à nota referente de uma prova bimestral. A dedicação ainda está ligada a nota ou ao prazer de criar? Esse questionamento traz uma reflexão de uma hierarquia da nota sobre a criação, o que Santiago (2020, p.68) nomeia como sistema de poder de valores.

Ao disseminar sentidos, trechos apontados pela estudante, como divertido e momentos de descontração com os colegas, remetem a bons encontros para o nascimento da arte da imaginação da Feira Medieval, uma escritura anagramática da Idade Média.

De acordo com Santiago (2020, p. 53), Derrida associa o termo anagramática:

a anagrama, isto é, as relações que se tecem entre as diferentes funções de uma mesma palavra, quando se inscreve, num mesmo contexto, como a citação de um outro sentido.

Assim é a Feira Medieval, com mesmos os temas ano após anos, mas dando sentidos divertidos e descontraídos a cada encontro. Como esses encontros não seriam capazes de aumentar a potência de existir dos envolvidos? A ética de Espinosa volta de início a sua atenção para os afetos alegres, transcendendo a moral do bem e do mal. “A partir desse ponto de vista, pode-se pensar que um indivíduo, ao encontrar outro ou um grupo, compõe a relação num encontro que pode ser tanto de composição quanto de decomposição” (Maheirie; Strappazzon, 2016, p. 217). A desconstrução dos temas pelos alunos participantes do projeto abre novos caminhos para serem explorados, que podem perpassar pelos já existentes, mas não da mesma maneira.

A criação da cadeia suplementar ocorre com uma risada, um olhar e uma escritura, nascendo a partir de uma construção de um novo anagrama da Idade Média. De temas já explorados nasce uma nova escritura anagramática assinada por vivências em bons encontros em uma sala de estar depois de uma partida de *video game*. Essa é uma tradução de um projeto que vem sendo anagramaticado há mais de 15 anos.

Dessa escritura, nasce uma nova aula para um professor artistador e alunos que, por meio de sua criação, promovem uma artistagem da Idade Média. Vivenciar o novo, mesmo estudando o velho, é um eterno vir a ser de uma sala de aula repleta de vontades distintas. Isso tudo resultado de bons encontros: em um círculo na sala de aula ou em torno de um tapete na sala de estar.

O professor ao planejar, pensar e criar na aula, quando possível, remete-se às aulas ministradas em outros momentos ou a algum material didático lido em sua trajetória acadêmica, com sentidos pré-existentes. A partir desse ponto, parte dele transporta para a criação de sua aula. Corazza (2015) conceitua que, para entender a criação da educação, é necessário transformar os originais e realizar uma tradução.

A tradução aqui não entendida de forma literal, em que se estabelece um significado para cada palavra, mas sim levar em consideração tudo o que circunda essa tradução, como os costumes, a experiência e o texto original.

A didática da tradução considera que todas as línguas são diferenciais e que seu trânsito dos currículos às aulas, feito por meio da língua didática, requer diálogo entre elas, com a condição que cada língua esqueça a própria origem, para tornar dupla de si mesma (Corazza, 2015, p. 110).

A tradução da sala de aula pode ser comparada à expansão, à disseminação dos sentidos do conhecimento resultante desses encontros.

Escritura 6:

Foram propostos desafios que me levaram a um aprendizado ativo, a trabalhar a criatividade e a assumir responsabilidades que não era acostumada a assumir, como por exemplo: ser responsável e ajudar na produção de pequenas peças de teatro com conteúdo, de maquetes, das lembrancinhas, na montagem do cenário da sala. Coisas que não assumiria em um ensino sempre teórico (Rolins, *In*: FORMULÁRIO, 2022, s/p).

Ao tatear escombros, na escritura da aluna, é possível perceber que, em aulas tradicionais, os alunos têm mais dificuldade de assumir o protagonismo, conforme destacado no trecho “coisas que não assumiria em um ensino sempre teórico”. Assim, a educação da centralização do conhecimento no professor não estimula a criatividade ou a responsabilidade.

Para disseminar sentidos, a palavra responsabilidade, como foi destacada pela aluna, estabelece uma forma diversa de ver o protagonismo do aluno, que seria responsável por criar a aula a ser ministrada por meio de planejamento e aprofundamento no estudo.

Quando falamos sobre criação de cadeias suplementares, remetemos a falar em educação. Contudo, não é simplesmente explicar sobre as capacidades de aprendizagens intelectuais do discente em ambientes educativos, e sim elaborar os possíveis espaços que permitam a criação de relações e conexões afetivas a partir da qual possibilite a criação de um espaço de produção do conhecimento, resultado em uma explosão do sentido da aprendizagem por meio dos bons encontros.

Quanto mais livres os alunos se tornam, maiores serão as chances do desenvolvimento do conhecimento e da criação intuitiva, pelo qual o espírito criador o atinja e o torne capaz produzir novos modos de viver. Assim, de acordo com Novikoff e Cavalcanti (2015, p. 89):

Ao pensar a educação, faz-se necessário entender as causas e os resultados dos encontros de corpos – do professor e do aluno –, bem como as composições e as decomposições que esses corpos podem gerar ao se encontrarem.

Ao realizarmos as atividades educacionais no espaço da sala de aula, podemos criar a chance de produção de bons encontros, possibilitando tanto o professor quanto o aluno expandirem sua potência de agir. Essa liberdade de pensamento dá origem aos participantes de aumentar sua potência e proporcionar à mente uma emancipação do tradicional. Então, nos espaçamentos desses encontros, novos sentidos ao encontro proporcionam inúmeros caminhos sem destino claro.

4.2 Analisando a Feira Medieval e seu papel criador em sala de aula

Uma sala é apenas um espaço que pode ou não estar ocupado por objetos e pessoas e, mesmo vazia, não deixa de ser uma sala. No entanto, quando nos referimos a uma sala de aula, não podemos imaginá-la vazia, por esse espaço ser um local de troca de saberes criado pelo próprio ser humano. Para Novelli (1997, p. 44), “a sala de aula partilha a categoria da espacialidade com outros espaços, mas a forma de sua ocupação cria a sua especificidade”. Portanto, um espaço com carteiras não se torna uma sala de aula só por existir dentro de uma escola. Para tanto, é necessário cumprir o seu papel de estabelecer relações entre quem as ocupa.

Não podemos esquecer que a sala de aula extrapola os limites das quatro paredes, e transporta-se para qualquer lugar que cumpra a missão da troca de afetos entre os corpos na prática da docência e a criação de conhecimento. Nesse viés, o docente tem o papel de transformar a sala de aula todas as vezes que realiza a prática da docência. De acordo com Corazza (2011, p. 10):

É um equívoco o professor acreditar que, para uma aula, basta entrar na sala e fechar a porta, e dar a aula que quiser. É um erro o professor achar que a aula é inexistente; e que, ao fazê-la, poderia reproduzir uma aula que já funcionava como modelo exemplar.

O docente tem a oportunidade de transformar todas as aulas por meio da releitura de sua própria experiência, ou seja, sua aula sempre está por vir, nunca está completa ou acabada, porque a cada encontro com os discentes são

produzidas novas possibilidades de criação. Ao estudarmos a evolução da educação, percebemos que muitas mudanças físicas ocorreram nas salas de aulas, mas ainda permanece a missão da criação de conhecimento por aqueles que participam dela.

No projeto da Feira Medieval, apesar do professor não ser o principal protagonista das atividades, cabe a ele ser o condutor das ações, além de sanar as dúvidas que forem surgindo, a fim de permear possibilidades. Sendo assim, as atividades também são portas que permitem aos professores a elaboração do conhecimento, para que eles sejam criadores. Isso ocorre porque, ao observarem a execução das atividades, podem vivenciar o funcionamento dos afetos e das afeções e, ao mesmo tempo, o pensar das atividades de forma criativa. Nesse contexto, o docente se permite desenvolver a ciência intuitiva (capacidade do ser humano de inventar e criar). Mesmo que tenha realizado inúmeras vezes a mesma atividade em outras ocasiões ou com outros alunos, nunca as experiências serão iguais. “Os professores são, no início, leitores e estudiosos profanos e mágicos; de imediato, críticos e poetas recriadores, que fazem o elo entre o passado longínquo e o presente; e de cuja interpretação não-objetiva depende os rumos das matérias no futuro” (Corazza, 2019, p. 15).

As atividades propostas pelos professores, munidas de criatividade, proporcionam aos alunos vários sentidos para desenvolverem o conhecimento. Por isso, o projeto da Feira Medieval foi pensado com o intuito de disseminar sentidos do conhecimento da Idade Média para além da sala de aula. Assim, o conteúdo transpassa as avaliações tradicionais realizadas por meio de provas conteudistas e as aulas expositivas. Dessa maneira, para Monteiro e Olini (2018, p. 521), é importante que o docente não seja difusor do sentido tradicional formado dentro de manuais e modelos formativos que proporcionam respostas automáticas, tendo o aluno como um depósito e a sala de aula como o espaço de impossibilidade de boas ideias.

Por ser uma porta de possibilidades, o espaço da sala de aula ultrapassa a linha do habitual. Yonezawa e Silva (2019, p. 17) apontam que:

Poderíamos dizer que a força de um conhecimento seria dada, então, pela sua capacidade de envolver mais corpos de naturezas distintas (corpos humanos, animais, tecnológicos, musicais, minerais), articulados em um agenciamento produtor de realidade. Não se trataria mais, no que tange à avaliação educacional, de falarmos em testes e

exames, mas em montagens e performances, os quais dessem mais força afetiva e realidade às ideias aprendidas e produzidas. Teríamos, pois, meios artísticos de avaliação.

Espinosa (2019) nos leva a pensar que a educação objetiva de fato promover aprendizagens que possibilitam uma arte de despertar, de criar novas formas e novos modos de agir no mundo em um processo cotidiano. Além disso, a tomada de consciência dos afetos é fator para elaborar maneiras de criação de sala de aula, bem como o aumento da potência de agir por meio dos encontros. Os bons encontros, as lembranças e aquisição de conhecimento fazem parte das vivências dos professores e alunos envolvidos.

CAPÍTULO 5 – O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MODALIDADE PROFISSIONAL – DO PRODUTO TÉCNICO

O Programa de Pós-Graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (UnB) propõe o trabalho final composto por duas partes: uma dissertação e um produto técnico. Essa orientação se encontra descrita no *site* da Faculdade de Educação da UnB no Mestrado Profissional.

O PPGEMP da Universidade de Brasília tem como um de seus objetivos permitir o desenvolvimento de pesquisas que resultem em produtos para impactar os processos formativos e educacionais.

Sendo assim, esta dissertação tem como intuito oferecer oficinas nas escolas, a fim de disseminar a execução da Feira Medieval nas redes de escolas públicas e privadas de Brasília.

5.1 Vamos pensar no projeto da Feira Medieval

A sala de aula é um espaço de criação para docentes e discentes, um ambiente de encontros para discussão de conteúdo. Esses conteúdos, muitas vezes, são tão distantes da realidade que podem tornar os estudos um trabalho maçante e desagradável. Para o professor, a criação deve ser um constante sonho, segundo descrição de Corazza *et al.* (2020, p. 795):

(...) a produção do trabalho docente no cotidiano necessita sempre de um exercício empírico de um espírito escrivão que oficina pensamentos, valendo-se da linguagem e dos sonhos para construir ou transcriar conhecimentos a partir de si, e que tem sua ocorrência laboral em uma Aula-tradução ou em oficinas de transcrição.

Desse modo, é necessário aproveitar o encontro desses corpos para a criação de sentidos para os conteúdos, isto é, traduzir a aula da forma mais feliz no espaço de sala de aula .

Os gestos, olhares e ideias que compõem o dia a dia dos alunos fazem parte da criação deles, já que tornam a sala de aula um local de constante de troca de afetos. Aproveitar esses momentos para introduzir o conteúdo seria unir o útil ao agradável.

Portanto, a oficina proposta como produto dessa pesquisa deseja

aproveitar esses bons encontros para conceber um ambiente propício para a criação, para promover a oficina de elaboração voltada para os professores durante a preparação da Feira Medieval, como um martelo que quebra os paradigmas das aulas tradicionais e conteudistas. Nesse viés, não se deseja criar algo engessado ou padronizado, mas oferecer um questionamento para abrir possibilidades para professores artistarem com os seus alunos.

5.2 O projeto da Feira Medieval

As escolhas das escolas podem ser por demanda ou por parcerias junto à equipe gestora da escola. A oficina para professores com o tema “A Feira Medieval como instrumento de bons encontros” será oferecida de forma gratuita, com a utilização de materiais de apoio por meio eletrônico para os inscritos.

O roteiro da oficina da Feira Medieval tem o seguinte esqueleto:

- a. Exibição de vídeo;
- b. Apresentação do material;
- c. Divisão dos professores em pequenos grupos;
- d. Caixa de ideias e;
- e. Finalização com a apresentação das fotos de trabalhos dos alunos.

a. Exibição de vídeo

Iniciaremos nosso trabalho com o vídeo: ‘Feira Medieval 2015 – Sigma’, que traz algumas imagens da Feira Medieval do ano de 2015 realizada pelos alunos do 7º ano do Colégio Sigma. O produto foi editado pelo *videomaker* Alexandre Alaya, disponível na plataforma digital do *YouTube*, com o intuito de apresentar a proposta de criação aos telespectadores.

b. Apresentação do material

Ao abrir a porta da mente dos docentes, há o início de um turbilhão de ideias (*brainstorming*). Para auxiliar na organização do pensamento,

apresentaremos os materiais utilizados na Feira Medieval (Anexo A) como um original que está sempre em um processo de vir a ser.

c. Divisão dos professores em pequenos grupos

Nessa etapa, as mentes que agora possuem um modelo realizarão encontros em grupos com seus pares para discutirem o material exposto até o momento. É fundamental sugerir, criticar e elaborar novas formas de criação, haja vista que o intuito nesse pequeno bom encontro é romper com as margens do tradicional. De acordo com Maheirie e Strapazzon (2016, p. 125):

os bons encontros formam composições que se estendem, transcendendo os limites cronológicos, espaciais. Passam a fazer parte das pessoas e borram os limites, produzindo novas linhas de inscrições.

A partir dessas trocas de afetos entre pares-docentes, estes realizarão uma escritura por inúmeras mãos, artistando o projeto da Feira Medieval, colocando uma assinatura biográfica. Assim, há a criação de cadeias suplementares de uma Feira Medieval que está por vir por meio de uma escritura artistadora.

d. Caixa de ideias

O encontro de professores em um ambiente livre para a criação permite trocas que resultarão em inúmeros novos sentidos para a Feira Medieval. E, nesse momento, permitiremos que o destino da Feira Medieval seja errante, em que todas as escrituras confeccionadas pelos professores serão colocadas em uma caixa. Alguns professores, voluntariamente ou não, colocarão a mão na caixa e retirarão uma das folhas com a escritura e realizarão a leitura. Após a leitura, criarão uma fala sobre suas considerações sobre as ideias da escritura.

e. Apresentação das fotos dos trabalhos dos alunos

Para finalizar a oficina, nunca a criação, realizaremos a apresentação de *slides* com fotos de trabalhos de alunos do 7º ano do colégio Sigma, registradas entre 2011 e 2020 (Anexo B). O intuito dessa apresentação é disponibilizar possibilidades de criação.

Nessa perspectiva, nos deparamos com o docente que pode buscar inúmeras formas de criar a aula, tornando a sala de aula um espaço de limites para a artistagem de alunos e professores da disciplina de História.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a conjuntura brasileira, percebemos que o espaço-tempo de sala de aula, apesar de ter uma longa história no Brasil utiliza, em vários aspectos, ferramentas ultrapassadas, como aulas conteudistas e expositivas promovidas pelo professor, em que os alunos são vistos como um repositório de conhecimento, ou melhor, de informação.

Apresentar aqui que o professor deve ser um mediador, e não só um mero transmissor. Como citado no segundo capítulo, as relações de afeto e de afecção entre alunos e professores é um instrumento que permitiria um ambiente criativo em sala de aula. Isso se traduz em relações entre alunos e professores, sendo como bons encontros. Tais trocas ultrapassam as barreiras, que são empecilhos para a troca de saberes e a produção do novo. Assim, a sala de aula transformara-se em um espaço que sempre está sendo construído, tanto por alunos quanto por professores. As aulas permeadas de criatividade permitem que se torne autobiográficas, por possuir as vivências dos alunos e dos docentes envolvidos no processo.

A Feira Medieval constitui-se como uma abertura ao desenvolvimento de potências para docentes e discentes que, a partir de experiências de bons encontros, conseguem tornar a sala de aula um ambiente mais harmônico e prazeroso. A sala de aula torna-se um local onde todos podem, de forma mútua, criar novas possibilidades de execução, criação e aprendizagem do conteúdo. Todos que estão envolvidos nessa experiência são afetados e, consequentemente, há o aumento de suas potencialidades.

Tudo o que existe pode ser definido a partir de um grau de potência, que corresponde a certo poder de ser afetado, expandindo as possibilidades ou contraindo-as. Assim, o poder de ser afetado permite ao docente e ao discente a possibilidade da busca pela liberdade, tornando-se criativos e abertos a novas experiências. Do contrário, em oposição a essa potência, ao agir, nos maus encontros, somos tomados pela potência do repetir, ser reativo e executar algo sem criatividade.

Assim, pode-se escolher a servidão ou a liberdade, que são possibilidades construídas por meio de encontro entre os corpos. Para que os bons encontros sejam dotados de liberdade, é preciso que a base dessa relação resida na ética.

Para Espinosa (2019, p. 165), a ética é definida a partir dos modos de existência que se arranjam na relação entres os indivíduos, e a forma como cada um é afetado nesse encontro. Então, ao tornar essas vivências além de bons encontros, são geradas boas lembranças para todos que participaram. Tornar a sala de aula mais feliz por ser transformada diretamente pela relação de afeto estabelecido entre alunos e professores.

Os bons encontros são notáveis a cada reunião realizada pelos estudantes, que acabam tornando momentos de criação e reescritura da própria aula do professor. A cada reunião, é dada ao docente uma nova chance de aprendizado, possibilitando-lhe desenvolver orientações baseadas na ética. É possível perceber que a Feira Medieval é um instrumento que oferece a chance da atuação criativa e criadora de professores e alunos no espaço-tempo de sala de aula por meio de bons encontros.

Então, para analisar a sala de aula como espaço de produção do novo, utilizamos o método de timpanização, que se utiliza de três processos: tatear escombros, disseminar sentidos e criar cadeias suplementares.

Desse modo, o objetivo é demonstrar como ainda existe o vestígio da metafísica no contexto da sala de aula e, partindo desse ponto, criam-se novos sentidos para o espaço tempo sala de aula. Em torno dessa análise, são produzidos novos textos por meio de escrituras existentes, ou seja, textos suplementares das aulas existentes.

Acrescentamos que, por meio do produto técnico desejado, as oficinas nas escolas para professores oferecem possibilidades de reflexões e um ambiente de trocas, em que docentes anseiam por aulas cheias de criatividade e abertas para os alunos criarem.

Como resultado da pesquisa, desejamos abrir formas diferentes de pensar o conteúdo da Idade Média, com a tentativa de abrir caminho para mais aulas criativas e recheada de artistagem. Pensar assim: que a aula sempre está por vir a ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Rodrigo. A história da Educação no Brasil: uma longa jornada rumo à universalização. **Gazeta do povo**, mar. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihyra8yys2j8nnqn8d91/>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BIATO, Emília Carvalho Leitão. **Oficinas de escrituras e possibilidades de transcrição em práticas de saúde, educação e filosofia**. 2015. 179 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2015.

BIATO, Emília Carvalho Leitão; CECCIM, Ricardo Burg; MONTEIRO, Silas Borges. Processos de criação na atenção e na educação em saúde. Um exercício de “timpanização”. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 621-640, 2017.

BIATO, Emília Carvalho Leitão; LEITÃO, Cláudio Correia. Suplementos de escrituras: de errâncias e destinos. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, RS, v. 7, n. 1, p. 149-166, 2017.

BIATO, Emília Carvalho Leitão; MONTEIRO, Silas Borges. Timpanização de Escreituras. Vias marginais para os objetos duplos. *In*: CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Daniel Máximo.; OLINI, Polyana. (Orgs). **Caderno de Notas 9: panorama de pesquisa em escreituras: Observatório da Educação**. Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2016, p. 178-189.

BOMENY, Helena Maria. Do frango ao avião ou o que é possível dizer sobre a nova classe média brasileira? Notas exploratórias. **[Syn]thesis**, v. 14, n. 3, p. 17-32, 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasil: Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988.

BRASIL. Decreto-lei Nº 4244, de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário. Diário Oficial da União, Seção 1, Página 5798, 10/4/1942.

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populosos do Imperio. Coleção de Leis do Império do Brasil. v. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1827.

CASTANHA, André Paulo. O Ato Adicional de 1834 na educação Brasileira. **Revista brasileira de história da educação**. Cascavel, PR, v. 11, p. 169-195, jan./jun. 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. Artistagem docentes. Palestra no III Congresso Nacional Marista de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 16/07/2008.

CORAZZA, Sandra Mara. A-traduzir o arquivo da docência em aula: sonho didático e poesia curricular. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 35, e-217851, p. 1-25, 2019.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Revista Proposições**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 105-122, jan./abr. 2015.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática de criação: aula cheia. Porto Alegre: CNPq; CAPES; FAPERGS; PPGEDU/UFRGS, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César. Derrida e a escritura, *In*: DUQUE-ESTRADA, Paulo César. **Às margens. A propósito de Derrida**. Rio de Janeiro: PUCRio, 2002, p. 9-28.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: edUsp, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GHIRALDELLI Júnior, Paulo. **História da educação brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

ISKANDAR, Jamil Ibraim; LEAL, Maria Rute. Sobre o positivismo e educação. **Revista diálogo educacional**, Curitiba, v. 3, n. 7, p. 89-94, set./dez. 2002.

MAHEIRIE, Kátia; STRAPPAZZON, André Luiz. “Bons encontros” como composições: experiências em um contexto comunitário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 114-127, 2016.

MARRA, Isac; GUILHERME, Marcelo. **A história da educação no Brasil**. São Paulo: Paco Editorial, 2020.

MARTON, Scarlett. GEN – GRUPO DE ESTUDO DE NIETZSCHE. **Dicionário de Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2016.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da Língua Portuguesa**. v. 1. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2000.

NOVELLI, Pedro Geraldo. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 1, n. 1, p. 43-50, 1997.

NOVIKOFF, Cristina; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Pensar a potência dos afetos na e para a educação. **Revista Conjectura: Filos. Educ**, Caxias do Sul, v. 20, n. 3, p. 88-107, set./dez. 2015.

PAULUCCI, Bruno Peres. Fisiologia da audição. 2005. Disponível em: https://forl.org.br/Content/pdf/seminarios/seminario_28.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. O ensino secundário brasileiro em 1930 no contexto da cultura escolar e história da educação. *In: IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil, 2012, João Pessoa, PB. Anais [...].* João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012, p. 931-944.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval. **O império e as primeiras tentativas de organização da educação nacional (1822-1889) navegando pela História da Educação Brasileira.** 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/periodo_imperial_intro.html. Acesso em: 14 mar 2020.

ROSA, Juliano de Melo. **As vozes de um mesmo tempo: a educação física institucionalizada no período da Ditadura Militar em Cacequi.** 2006, 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2006.

SÃO PAULO. Lei n.º 88, de 08 de setembro de 1892. Reforma a instrução pública do Estado. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 1892.

SANTIAGO, Silviano. **Glossário de Derrida.** 2. ed. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ULPIANO, Cláudio. Primeira aula gravada de Claudio Ulpiano sobre a pensamento liberdade de Espinosa em outono de 1988. Rio de Janeiro: (Planetário da Gávea), 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oBDEZSx6xVs>: Acesso em: 22 ago 2020.

VICENTINI, Paula Perin; SILVA, Rita de Cássia. História da educação no Brasil – Aula 2 – A escola ontem e hoje. São Paulo: Univesp, out 2014a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BERZeV49VGc>. Acesso: em 14 mar. 2020.

VICENTINI, Paula Perin; SILVA, Vivian Batista; GALLEGOS, Rita de Cássia. **História da Educação – Aula 1 – Introdução a disciplina e diferentes concepções sobre História.** São Paulo: Univesp, out. 2014b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xB3y1f9jGvc&t=32s>. Acessado em: 13 mar. 2020.

YONEZAWA, Fernando; SILVA, Fábio Hebert. O paralelismo corpo e mente em Spinoza – notações (im)pertinentes para a educação. **Revista Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 4, e176074, p. 1-21, 2018.

ANEXO A – MATERIAL A SER APRESENTADO

Brasília, abril de 2018.

Senhores pais ou responsáveis,

No dia 09/06/2018 (sábado), das 7 horas às 13 horas e 30 minutos, realizaremos em nosso colégio, na unidade da 912, a VII Feira Medieval, evento que envolve alunos e professores do 7º ano do Ensino Fundamental e é aberto a toda comunidade escolar.

O principal objetivo da Feira Medieval é permitir aos alunos melhor compreensão da sociedade ocidental por meio de pesquisas e apresentações que abordem a política, a economia, a cultura, a religiosidade, o cotidiano, a saúde e a ocupação do espaço durante a Idade Média. Nessas apresentações, realizadas por grupos de alunos, serão utilizados recursos variados como maquetes, cartazes, cenários, caracterização dos componentes e dramatizações.

A fim de orientar a pesquisa e a preparação dos grupos, os alunos serão atendidos pelo professor de História e de Educação Artística. A professora de Educação Artística estará disponível para orientar todos os grupos na confecção de material ilustrativo e/ ou cênico usado na apresentação.

Para que essa orientação ocorra de forma adequada, contamos com a sua colaboração, pois, além do acompanhamento feito aos grupos em sala, haverá dois atendimentos fora do horário de aula, de acordo com a tabela no verso da folha. Embora a presença dos alunos nesse encontro não seja obrigatória, ela é importante e deve ocorrer sempre que possível, facilitando assim a troca de ideias entre o grupo e o professor-orientador, o que contribuirá para a maior qualidade da apresentação. Sugerimos aos grupos cujos componentes tenham atividades extracurriculares nos horários do atendimento que combinem, de modo a garantir que, no atendimento, haja representantes do grupo.

Vale lembrar que, provavelmente, os grupos farão outros encontros para, por exemplo, realizar pesquisas, ensaios ou confeccionar materiais, em dias,

horários e locais estabelecidos por eles, sem a interferência nem a presença do professor.

O grupo será avaliado pelo professor-orientador por sua apresentação, em horário de aula, na semana de 04/06 a 08/06. A nota total obtida (40% da avaliação individual em sala + 40% da avaliação coletiva em sala + 20% da avaliação do grupo no dia da feira) corresponderá a 30% da média do 2º período em História. Os alunos que faltarem à apresentação terão o peso dessa atividade transferido para a principal avaliação (prova discursiva) do 2º período.

A conclusão dos trabalhos ocorrerá com a apresentação dos grupos, com dramatizações, caracterização da época, material ilustrativo ou cênico, no dia da Feira Medieval.

Atenciosamente,

Organização da Feira Medieval

Estou ciente do dia de apresentação da **VII Feira Medieval** e do horário de atendimento ao grupo do aluno(a)

nº _____, 7º _____.



☐ UNIDADE 912 SUL (61) 3346-3232 SGAS 912 . Conjunto A 70390-120 . Brasília . DF	☐ UNIDADE 910 NORTE (61) 3701-3737 SGAN 910. Módulo E 70790-100 . Brasília . DF	☐ UNIDADE L2 NORTE (61) 3349-1088/3349-7666 SGAN 606 . Módulo A 70840-060 . Brasília . DF	☐ UNIDADE ÁGUAS CLARAS (61) 3027-6060 Rua 14 Sul . Lote 6 71939-720 . Águas Claras . DF	☐ UNIDADE LAGO SUL (61) 3248-2450 SHIS QI 7 . Conj. 17 . Lote F 71615-370 . Lago Sul . DF
---	--	--	--	--

sigmadf.com.br



Responsável

VII Feira Medieval – 2018

Horários de Atendimento – Águas Claras

Turma	Professores	Data	Horário	Sala
7º AM	Arineide	19/04 e 17/5	14h às 15h	202
7ºBM	Arineide	19/04 e 17/5	15h às 16h	202
7ºCM	Arineide	19/04 e 17/5	16h às 17 h	202
7ºAT	Arineide	20/04 e 18/5	11h10 às 12h10	202

Tema 5 (Arte Medieval)				
Turma	Professores	Data	Horário	Sala
7º A, B, C Matutino (arte medieval)	Elaine	17/4 e 15/05	14h às 15h	Artes
7º A, B, C Matutino (todos os grupos para esclarecimentos sobre a confecção de material)	Elaine	17/4 e 15/05	15h às 16h	Artes
7º AT	Elaine	17/4 e 15/05	9h às 10h	Artes

Orientações para o seminário: Feira Medieval — História — 7º ano - 2ºPeríodo/ 2021

O seminário sobre o período medieval é um trabalho que será avaliado a partir da apresentação oral sobre o tema sorteado. Portanto, a participação direta do aluno na apresentação é imprescindível para que ele possa ser avaliado. Este

trabalho valerá 60% na média do 2º período, sendo que 30% corresponderão à avaliação individual (clareza, segurança e domínio do conteúdo no momento da apresentação) e 60% corresponderão à avaliação coletiva do grupo (utilização adequada do tempo, abordagem completa dos assuntos, utilização de material ilustrativo de qualidade, organização do grupo).

A apresentação deverá durar de 5 minutos, e cada componente do grupo apresentará parte dos assuntos pesquisados. Todos deverão participar da elaboração do trabalho como um todo, evitando, por exemplo, que a ausência de um aluno no dia da apresentação comprometa o desempenho do grupo.

Cada grupo deverá explicar os aspectos sociais, políticos, econômicos ou culturais, de acordo com o tema proposto. A pesquisa para o trabalho deverá ser feita a partir do livro de História utilizado este ano e em outros livros e *sites* que abordem o assunto.

Durante a apresentação, o grupo poderá utilizar todas as ferramentas tecnológicas para a confecção de um vídeo, que deverá estar de acordo com o trabalho escrito elaborado pelos alunos. Sendo assim, o trabalho da Feira Medieval está dividido em três etapas:

- 1ª etapa - Entrega do trabalho escrito entre 17 e 21 de Maio.
- 2ª etapa - Entrega dos vídeos para o professor orientador entre 24 e 28 de maio.
- 3ª etapa - *Live* realizada pelos professores de História e Artes no dia 12 de junho.

O grupo poderá utilizar ainda outros recursos que enriqueçam sua apresentação, tais como: maquetes, pequenas encenações, cenários, vestimentas (utilizando as roupas de material em casa), etc.

Temas:

1 - Formação dos países na Idade Média

2 - Comércio e cidades na Baixa Idade Média

3 - Vida e cotidiano na Idade Média

4 - As Cruzadas

5 - Arte Medieval

6 - Cultura e religiosidade

ANEXO B – FOTOGRAFIAS DAS ATIVIDADES REALIZADAS POR ALUNOS EM FEIRAS MEDIEVAIS ANTERIORES

Figura 1 – Exposição dos trabalhos de artes realizados pelos alunos - 2019



Fonte: Acervo pessoal de Feiras Medievais (2016-2019)

Figura 2 – Pátio central da escola com a exposição de trabalhos dos alunos



Fonte: Acervo pessoal de Feiras Medievais (2016-2019)

Figura 3 – Exposição de brasões das famílias criada pelos alunos



Fonte: Acervo pessoal de Feiras Medievais (2016-2019)

Figura 4 – Stand de grupo de alunos que apresentaram o tema sobre o comércio na Baixa Idade Média – 2017



Fonte: Acervo pessoal de Feiras Medievais (2016-2019)

Figura 5 – Trabalho de Artes com o tema sobre Catedrais Góticas da Europa Ocidental – 2018



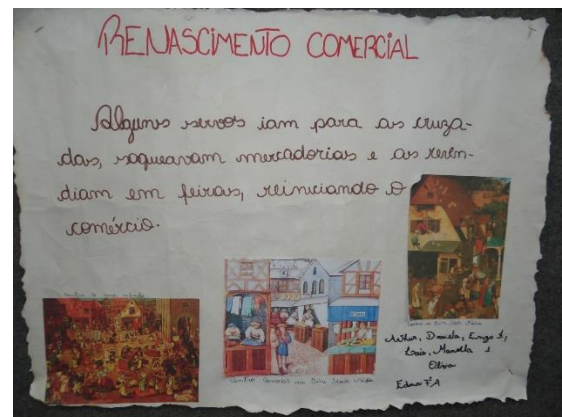
Fonte: Acervo pessoal de Feiras Medievais (2016-2019)

Figura 6 – Maquete de grupo de alunos que apresentaram o tema sobre o comércio na Baixa Idade Média – 2015



Fonte: Acervo pessoal de Feiras Medievais (2016-2019)

Figura 7 – Cartaz de grupo de alunos que apresentaram o tema sobre o comércio na Baixa Idade Média – 2015



Fonte: Acervo pessoal de Feiras Medievais (2016-2019)

ANEXO C – FORMULÁRIO DO GOOGLE FORMS ENCAMINHADO AOS ALUNOS

PESQUISA - PARTICIPAÇÃO NA FEIRA MEDIEVAL - Colégio Sigma

Formulário de Pesquisa da Participação em Feiras Medievais – Colégio Sigma

TERMO DE CONCORDÂNCIA DE PARTICIPANTE

Aceito participar e contribuir para o desenvolvimento do projeto de mestrado **Bons encontros em sala de aula: uma experiência de potência e criação na escola**, de responsabilidade da pesquisadora Edna Akemi Ueda (UnB), orientanda da Prof.^a Dr.^a Emília Carvalho Leitão Biato, para abordar o processo a execução do projeto da Feira Medieval para estudantes e ex-estudantes do aluno 7º ano, a partir da aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e em concordância da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

1 – Nome Completo:

2 – Em que ano participou da execução da Feira Medieval?

- ☐ Entre 2020 e 2022
- ☐ Entre 2015 a 2019
- ☐ Entre 2011 a 2014

3 – Qual o tema abordado pelo seu Grupo?

- ☐ Tema 01 - Formação de países na Baixa Idade Média
- ☐ Tema 02 - Comércio na Baixa Idade Média
- ☐ Tema 03 - Sociedade na Alta Idade Média
- ☐ Tema 04 - Cruzadas
- ☐ Tema 05 - Arte Medieval
- ☐ Tema 06 - Religiosidade na Idade Média

4 – Quantos componentes havia na composição seu grupo? *

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

() 6 ou mais integrantes.

5 – Descreva de que forma o grupo realizou a apresentação do tema na Feira Medieval?

6 – Você ficou satisfeito com a forma como o conteúdo da Idade Média foi trabalhado ao longo da Execução da Feira? Justifique.

7 – Escreva como foi a experiência dos encontros com os seus colegas para a elaboração da Feira Medieval durante os 2 meses.

8 – Projetos como a Feira Medieval permitiram criar novas formas de trabalhar o conteúdo para seu grupo? Justifique.

9 – As atividades propostas pelo professor e pelos colegas durante a elaboração da Feira Medieval ficou marcada para você? Por quê?
